

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

SILVIA ROCHA WALZ

**Os discursos no Twitter sobre as queimadas na Amazônia em 2019**

Florianópolis

2022

Silvia Rocha Walz

**Os discursos no Twitter sobre as queimadas na Amazônia em 2019**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Antropologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leticia Cesarino

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Walz, Silvia Rocha

Os discursos no Twitter sobre as queimadas na Amazônia em 2019 / Silvia Rocha Walz ; orientadora, Letícia Maria Costa da Nobrega Cesarino, 2022.

84 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Antropologia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Queimadas na Amazônia. 3. Discursos no Twitter. 4. Antropologia digital. I. Cesarino, Letícia Maria Costa da Nobrega . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Antropologia. III. Título.

Silvia Rocha Walz

**Os discursos no Twitter sobre as queimadas na Amazônia em 2019**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Antropologia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Antropologia.

Florianópolis, 22 de Abril de 2022.

---

Prof. Bruno Mafra Ney Reinhardt, Dr.  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Profª Letícia Maria Costa da Nobrega Cesarino, Drª.  
Orientadora  
Instituição UFSC

---

Prof. Rafael Victorino Devos, Dr.  
Avaliador  
Instituição UFSC

---

Stephanie Ribeiro, Ma.  
Avaliadora  
Instituição UFSC

Este trabalho é dedicado aos meus pais e a todos que não se identificam com a atual liderança do País.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer chega a ser pouco frente ao apoio, amor e esperança que meus pais depositaram em mim nesses anos em que estive na academia. A eles não só agradeço como dedico tudo de bom que fiz até hoje, pois graças aos seus esforços, consegui finalizar essa etapa tão importante da minha jornada. Toda saudade, todo choro, toda distância valeram a pena. Queria entregar mais a eles, mas por hora é isso que consigo. Sou eternamente grata por todo suporte e aconchego, preocupação e cuidado durante o período de escrita do trabalho, que não foram fáceis. A pandemia me atravessou inesperadamente quando achei que estava “tudo indo bem demais”. Uma rasteira da vida que prefiro guardar como ensinamento pois apesar de dolorosa, ainda permaneço aqui, viva. Junto dos meus, com saúde e união.

Durante esse período de desenvolvimento de ideias e hipóteses, carregando o peso de uma pandemia e a distância de corpos, foi fundamental a troca que tive com meus colegas de classe. Mesmo que difícil, sempre tive com quem trocar angustias, desabafos, risadas e lágrimas. Aos colegas e amigos que a toda hora se mostravam presentes, minha mais sincera gratidão.

Sem dúvidas, este trabalho apenas tomou forma por conta dos anos em contato com os mais geniais professores da antropologia. Desde o início da graduação me encantei com o curso, mas principalmente pelos docentes que o estruturam. A minha orientadora, grande inspiração deste trabalho, confesso ser muito feliz e grata por me acompanhar até os últimos dias como graduanda e por ter aceito o convite de orientação. Agradeço por toda dedicação e aprendizado, por incrivelmente me fazer questionar aspectos que nunca pensei me interessar na antropologia. Meus agradecimentos a todos que de alguma forma estiveram comigo nos últimos anos e dividem esse sentimento de inconformismo político que ainda nos assola.

## RESUMO

Desde a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida como Rio 92, a discussão em torno da preservação da Amazônia se tornou um debate mundial. Nos últimos anos, diversos fatores ajudaram o aumento de taxas de desmatamento e queimadas, em especial em agosto de 2019. Fazendeiros e empresários do setor do agronegócio se organizaram e iniciaram centenas de focos de incêndio na região de Novo Progresso, no que ficou conhecido como o "dia do fogo". Num esforço sistemático de deslegitimação da ciência e contra o discurso ambiental, representantes do governo se posicionaram publicamente. Este TCC analisa esses discursos por meio de *hashtags* circuladas no Twitter com base em estudos sobre pós-verdade e análise de discurso populista. A presente etnografia digital se utilizou da metodologia qualitativa, observando que, sob a influência de um populismo digital, os usuários estão mais suscetíveis a formularem suas opiniões políticas através das redes sociais.

**Palavras-chave:** Amazônia; Queimadas; Twitter; Antropologia digital.

## ABSTRACT

Since the United Nations Conference on Environment and Development, known as Rio 92, the discussion surrounding the preservation of the Amazon has become a worldwide debate. In recent years, several factors have aided the increase in deforestation and burning rates, particularly in August 2019. Farmers and businessmen from the agribusiness sector organized and started hundreds of fire outbreaks in the Novo Progresso region, in what became known as the "day of fire." In a systematic effort to delegitimize science and oppose environmental discourse, government representatives have publicly positioned themselves. This TCC analyzes these discourses through hashtags circulated on Twitter based on studies on post-truth and populist discourse analysis. This digital ethnography used the qualitative methodology, observing that, under the influence of a digital populism, users are more susceptible to formulate their political opinions through social networks.

**Keywords:** Amazon; Burning; Twitter; Digital anthropology.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fundações privadas e associações sem fins lucrativos em 2016.....	23
Figura 2 – Mapa dos dias 10 e 11 de agosto de 2019.....	24
Figura 3 - Taxas de desmatamento (Amazônia).....	26
Figura 4 - Número de focos de queimadas entre 2013 e 2019.....	26
Figura 5 - <i>Tweet</i> retirado do perfil de Bolsonaro no Twitter.....	33
Figura 6 - <i>Tweet</i> da constante tentativa do Presidente de desqualificar a mídia.....	34
Figura 7 - O <i>tweet</i> acompanha um vídeo da polêmica entrevista de Bolsonaro, culpabilizando as ONGs pelas queimadas, sem apresentar provas.....	35
Figura 8 - Resposta de Bolsonaro às críticas do Presidente francês sobre a gestão ambiental brasileira.....	35
Figura 9 - Bolsonaro volta a rebater as declarações de Macron.....	36
Figura 10 - Salles por diversas vezes criticou jornais por divulgarem notícias sobre meio ambiente.....	37
Figura 11 – Após o “dia que virou noite” em São Paulo, Salles usou seu perfil no Twitter para comentar sobre o acontecido.....	38
Figura 12 - <i>Tweet</i> com a <i>hashtag</i> #SomosTodosRicardoSalles, impulsionada com o auxílio de bots.....	39
Figura 13 – Declaração de Salles no Twitter sobre as queimadas.....	39
Figura 14 - Fronteira amigo-inimigo em <i>tweets</i> de Bolsonaro.....	47
Figura 15 - Fronteira amigo-inimigo e teorias conspiratórias em <i>tweets</i> do ex-Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles.....	49
Figura 16 - Resposta de Bolsonaro às críticas de Macron a gestão ambiental brasileira.....	52
Figura 17 - Comentário de Bolsonaro a publicação de um seguidor sobre a esposa de Macron.....	53
Figura 18 - Equivalência líder e povo em <i>tweet</i> resposta de Bolsonaro.....	53
Figura 19 - <i>Tweet</i> do ministro divulgando a conversa no Painel da GloboNews e comentando os motivos que levaram ao aumento das queimadas.....	56
Figura 20 - <i>Tweet</i> referente as ameaças mundiais direcionadas ao líder.....	57
Figura 21 - <i>Tweet</i> e vídeo da entrevista do General Villas Boas comentando a situação Amazônica.....	57

Figura 22 - <i>Tweets</i> com a <i>hashtag</i> #SomosTodosRicardoSalles.....	60
Figura 23 - Home do Twitter (perfil da pesquisadora).....	62
Figura 24 - <i>Tweets</i> circulados contendo vídeos feitos pelos próprios usuários que afirmam saber a "verdade" sobre as queimadas .....	70
Figura 25 - <i>Tweet</i> circulado por Bolsonaro em seu rede.....	70
Figura 26 - O mesmo <i>tweet</i> da Figura 25 replicado por seus seguidores.....	71
Figura 27 - <i>Tweet</i> com elementos típicos da pós-verdade.....	75
Figura 28 - <i>Tweet</i> de seguidor bolsonarista sobre teorias conspiratórias .....	78

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
1.1	Contextualizando a pesquisa.....	18
1.2	Adentrando a campo: a repercussão das queimadas no ambiente digital .....	20
1.3	Escolhas metodológicas: etnografia e análise de rede .....	26
<b>2</b>	<b>OS 140 CARACTERES .....</b>	<b>33</b>
2.1	Populismo digital e suas funções metalinguísticas no conteúdo circulado .....	40
2.1.1	Fronteira antagonística amigo e inimigo .....	46
2.1.2	Equivalência entre liderança e povo .....	50
2.1.3	Mobilização permanente através de ameaça e crise .....	54
2.1.4	Espelhamento do inimigo e inversão de acusações .....	58
2.1.5	Produção de um canal midiático exclusivo .....	61
<b>3</b>	<b>PADRÕES EPISTÊMICOS .....</b>	<b>65</b>
3.1	Eu-pistemologia.....	66
3.2	Divisor amigo vs. inimigo .....	72
3.3	Elos ocultos ou conspiratórios .....	75
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>80</b>
<b>5</b>	<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>82</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>83</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Ao aprofundar discussões nos campos da antropologia política e digital, surgiu uma aproximação dos meus interesses acadêmicos a processos como os temas do neoliberalismo, populismos, Antropoceno e pós-verdade. Simultaneamente, houve, nos últimos anos, a intensificação dos debates acerca da importância das mediações digitais em processos contemporâneos. Após muitos encontros e desencontros e, ao mesmo tempo, pela carência de etnografias digitais em casos brasileiros, os caminhos e interesses se cruzaram e resultaram na presente proposta de trabalhar com crises no campo ambiental e digital.

Com isso, a obra da jornalista Naomi Klein, *A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre*, se mostrou fundamental para a elaboração final do tema do trabalho. Klein (2008) conclui que após desastres e crises, governos neoliberais investem no caos como forma de implementar medidas permanentes. Alguns dos exemplos são a tragédia em Nova Orleans em 2005, o golpe de Pinochet no Chile e a crise de 2008. Investindo no medo e desinformação, medidas extremas como a redução de direitos trabalhistas, de educação e saúde são aplicadas com maior facilidade em contexto de caos e desorientação da população.

O rompimento da barragem em Brumadinho (MG), as queimadas na Amazônia e as manchas de óleo no litoral maranhense no primeiro ano do governo Bolsonaro levaram a uma aproximação com o tema ambiental. Após esses acontecimentos, o governo se posicionou de forma constante contra o discurso ambiental e as instituições científicas. O evento das queimadas chegou a nível internacional e despertou indignação de chefes de outros governos, entre eles o Presidente francês Emmanuel Macron, protagonizando discussões polêmicas nas redes sociais. Sendo assim, o presente estudo é uma análise de discursos sobre o crime ambiental na Amazônia em agosto de 2019, marcado pelo que ficou conhecido como *dia do fogo*.

Em 10 de agosto, produtores rurais da região norte, num movimento orquestrado via WhatsApp, deram início a centenas de focos de incêndio. A primeira matéria<sup>1</sup> divulgada na época afirmou que o objetivo era chamar a atenção das autoridades locais por meio das queimadas, pois se carecia do apoio governamental. Posteriormente, outras teorias fizeram parte da narrativa, como culpar a imprensa de inventar que tal articulação tenha ocorrido, e um dos

---

<sup>1</sup><https://www.folhadoprogresso.com.br/dia-do-fogo-produtores-planejam-data-para-queimada-na-regiao/>

argumentos mais fortes, adotado até mesmo pelo governo brasileiro: a naturalização das queimadas nessa época do ano.

A ameaça de extinção do Ministério do Meio Ambiente, as demissões em massa no órgão de fiscalização e proteção de terras indígenas (Fundação Nacional do Índio, FUNAI), o fechamento da Secretaria de Mudanças Climáticas e Florestas, além da extinção de comitês do plano de ação de incidentes com óleo são medidas que mostram como, nos últimos três anos, a exploração e a degradação do meio ambiente tem sido facilitada no país em que se encontra a maior floresta tropical do mundo. De acordo com o biólogo Philip M. Fearnside (2005), historicamente o desmatamento está ligado ao aumento de incentivos fiscais, como crédito agrícola subsidiado pelo governo. Esse aumento incentivou os investidores de grandes fazendas a praticar o desmatamento já que a terra se tornava um bem durável.

Colocando em dúvida o papel da ciência através de teorias da conspiração, antiglobalismo e narrativas populistas, os discursos proferidos pelo Presidente iam contra a atuação de ONGs na região, além de acentuar dúvidas quanto a dados científicos de institutos como o Instituto de Pesquisa Espaciais (INPE). Cesarino (2021) no artigo “Pós-verdade: e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética”, menciona como o posicionamento dessas figuras políticas visa aumentar a equiprobabilidade dos enunciados na esfera pública (produzir desordem informacional) e conduzir a outros métodos, não-científicos de verificar o que é verdadeiro ou não. Explica, assim, como esse tipo de discurso chega até os usuários comuns, onde os dados científicos são substituídos por uma epistemologia da experiência imediata.

Diante disso, este trabalho irá analisar a comunicação do atual governo frente às crises ambientais, que utilizaram mecanismos do populismo digital para construir uma hegemonia política baseada na pós-verdade. Alguns dos pontos mais específicos da análise incluem mapear a controvérsia no Twitter e apontar os efeitos e funções metalinguísticas do conteúdo digital circulado por duas figuras em específico: o Presidente e o ex-Ministro do Meio Ambiente. Tais efeitos foram identificados por Cesarino ao analisar a campanha bolsonarista no WhatsApp, e que utilizarei como guia para elencar as particularidades acerca da presente pesquisa.

O interesse continuou pelas queimadas, justamente pelas grandes proporções vistas nas redes sociais, permanecendo por dias nos *trending topics* do Twitter. Em 21 de agosto, a *hashtag* #PrayForAmazonia registrou mais de 335 mil *tweets* apenas em algumas horas. Com o auxílio de *bots* que impulsionaram *hashtags* específicas, a narrativa de apoio à gestão do governo se consolidava, ao passo que minimizava os eventos catastróficos agravados dia após

dia. O evento também foi manchete de jornais internacionais como *Le Monde* na França, *The Guardian Weekly* no Reino Unido e *The New York Times* nos Estados Unidos.

De acordo com Gerbaudo (2018), o design das mídias digitais torna esse espaço o lugar onde pessoas comuns se expressam, não precisando da grande mídia. Ao tomar essas mídias como a voz do povo, um lugar não mediado, autêntico e sem a "interferência" da grande mídia - que muitas vezes não querem que você saiba - o compartilhamento de determinados conteúdos passa a ser a tentativa de se libertar da censura que essa grande mídia impõe. Essa queda de confiança na mídia tradicional vem acontecendo em maior escala nos últimos anos, quando notícias não são mostradas na televisão, mas são encontradas na rede online.

A desconfiança acontece também quando figuras políticas atacam a grande mídia, questionando autoridades científicas e especialistas quando consultados. A partir disso, com a demissão do então diretor do INPE, o físico Ricardo Galvão, ainda em julho de 2019, o volume de conversação sobre os incêndios na Amazônia se elevou no período de referência. Os canais jornalísticos foram respondidos pela rede bolsonarista patriota com a circulação massiva de *fake news*, na tentativa de desmentir as notícias globais sobre os incêndios.

Com isso, o capítulo introdutório busca contextualizar os acontecimentos de agosto de 2019 partindo de uma reconstituição dos fatos antecedentes e subsequentes ao "dia do fogo". Buscou-se esclarecer os interesses e desafios a respeito do campo e metodologia em ambientes digitais e sobre o tema de pesquisa. Para isso, realizou-se um levantamento de dados apresentados pelo INPE das queimadas na região e as taxas de desmatamento do último ano. Além disso, apontou-se o importante papel da mídia convencional ao noticiar o caso e os posicionamentos dos membros do governo em seus perfis do Twitter.

O segundo capítulo identifica os efeitos e funções metalinguísticas do conteúdo digital circulado pela base bolsonarista no período das queimadas. Tais efeitos podem ser observados em situações de crises, nesse caso ambiental, seguindo de maneira repetida e padronizada. O populismo de Laclau (2005) é uma das principais teorias para se pensar a atuação do governo frente a esse evento. Com o surgimento das mídias digitais, nota-se a intensificação de um populismo digital baseado em discursos intensamente performativos.

Por fim, no terceiro capítulo identifica-se os padrões e as controvérsias dos discursos do governo brasileiro acerca do tema. Preocupados e dispostos a culpar ONGs e deslegitimar órgãos científicos através de uma gramática antagonista, tais narrativas aproximam cada vez mais a realidade brasileira da era da pós-verdade, em que a ciência do *mainstream* é posta de lado para dar espaço a outras formas de verificabilidade dos fatos.

## 1.1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Com o aprofundamento no tema da pesquisa, outras possibilidades surgiram e se mostraram promissoras para análise, como foi o caso da pandemia de covid-19. O que me interessou desde o momento que ingressei nas áreas de antropologia digital e política foi a possibilidade de analisar discursos. Em meio à pandemia, muitas restrições foram impostas às universidades, e o processo de aprendizagem e todas as instâncias educacionais se alteraram drasticamente. Tornou-se inevitável levantar críticas sobre a atuação do governo brasileiro diante da maior crise sanitária mundial, pelas poucas iniciativas concretas colocadas em prática.

Entretanto, por questões de coleta de dados optou-se por continuar com o tema ambiental. No caso das queimadas, por intermédio da minha orientadora tive contato com uma pesquisadora da área da Comunicação cujos estudos e projetos perpassam o mesmo segmento ambiental, o que facilitou meu processo de coleta e análise de *tweets*. Não obstante, tanto a pandemia como as queimadas podem ser estudadas pela ótica abordada aqui, pois ambos os temas se tornaram pontos de confronto político e foram instrumentalizados pelo populismo do governo Bolsonaro. Através do uso estratégico de mecanismos digitais e com fins políticos, os posicionamentos adotados pelos membros do governo seguiram um padrão, que será detalhado no próximo capítulo.

Na medida que a situação das queimadas no norte do Brasil se agravava, o destaque internacional também se intensificava, estampando capas em conhecidos jornais como por exemplo o *Le Monde* francês. A relação do Brasil com a França se tornou frágil após críticas do Presidente francês Emmanuel Macron à gestão ambiental brasileira. O assunto ainda gerou uma crise diplomática por conta da manifestação de Macron no Twitter, apontado por Bolsonaro como “colonialista com interesses políticos pessoais”. Ao contrário do que afirma Bolsonaro, a preocupação internacional com a Amazônia é vista desde 2008, quando criou-se o Fundo Amazônia<sup>2</sup>.

O Fundo Amazônia tem o propósito de captar doações para a promoção de ações que previnam, monitorem e combatam o desmatamento e impulsione o uso sustentável da Amazônia Legal. O governo da Noruega desde 2009 possui contrato de doação no valor de até 700 milhões de coroas norueguesas, renovado em 2013, além de somar dezenas de aditivos ao

---

<sup>2</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6527.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6527.htm)



longo dos últimos anos. Em 2010, a Alemanha entrou na lista de contribuintes do Fundo Amazônia, renovando o contrato também em 2017, em que as doações referiram-se à redução das emissões de gases procedentes do desmatamento. A Petrobrás ao todo possui seis contratos referentes aos anos 2011, 2012 e 2013 com a destinação dos recursos voltada exclusivamente a projetos do Fundo Amazônia.

Com os desafios do início da pandemia da covid-19, o processo de escrita deste trabalho ficou inativo por alguns meses. Acredito que tais fatores possam ter prejudicado a execução do levantamento de dados, pois ao passo que milhares de pessoas corriam contra a disseminação do vírus, muitas questões passaram despercebidas, uma delas a situação ambiental do país. Mesmo que tenha sido apenas uma impressão minha enquanto pesquisadora na época, alguns estudos reconheceram a convergência entre as queimadas e a pandemia da covid-19. A Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)<sup>3</sup> alertou para a dificuldade enfrentada pela população da região Amazônica, pois, além da infraestrutura hospitalar precária, a região é habitada por uma população vulnerável socialmente.

Em 2020, a Região Norte apresentou números alarmantes de contágio do vírus, assim como uma grande quantidade de vítimas fatais. De acordo com o jornal *El País*<sup>4</sup>, a região registrou cerca de 17% das infecções e mortes por covid-19 do país, principalmente nos estados do Amazonas e Pará. Como as infecções avançaram para áreas mais isoladas, em que o acesso aos serviços de saúde são limitados, houve um aumento de subnotificações dos casos e de mortes. Historicamente na antropologia, vemos que as populações indígenas são vulneráveis e suscetíveis a infecções por vírus, intensificadas por políticas anti-indigenistas e medidas como o PL 2.633/20<sup>5</sup>, e as ameaças de atividades ilegais em terras indígenas que aumentaram com a crise sanitária.

Em nota técnica<sup>6</sup> divulgada em julho de 2020, o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), reforçou que a sobreposição de dois problemas, a fumaça e a covid-19, colocava a população em uma situação crítica. Por conta do sistema público de saúde da região ser deficitário, muitos municípios do interior não têm UTI, e algumas capitais já veem seus sistemas sobrecarregados. A nota ainda alerta para os efeitos da pandemia, em que, ao se

---

<sup>3</sup> <https://portal.fiocruz.br/noticia/queimadas-em-meio-covid-19-ameacam-atendimento-na-amazonia-e-pantanal>

<sup>4</sup> <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-08/a-beira-do-colapso-manaus-duplica-numero-de-mortes-com-escalada-de-coronavirus.html>

<sup>5</sup> Fonte: Agencia Senado

<sup>6</sup> <https://ipam.org.br/bibliotecas/amazonia-em-chamas-4-desmatamento-e-fogo-em-tempos-de-covid-19-na-amazonia/>.

exporem à fumaça oriunda de queimadas, os indivíduos passam a ter uma predisposição à infecção pelo Coronavírus.

Apurar os números da pandemia foi, desde o início, um desafio que o Brasil enfrentou por conta da explosão de casos e a baixa quantidade de testagem. As subnotificações dificultavam o Portal da Transparência, por exemplo, a se atualizar na mesma velocidade que os casos. Diante disso, o consórcio de veículos de imprensa foi o que mais se aproximava do número real da pandemia em comparação aos números divulgados pelo Conselho Nacional de Secretarias de Saúde (CONASS). Pelas plataformas de institutos como o IPAM, FIOCUZ e do INPE, buscou-se realizar esta pesquisa de forma fiel e justa, tanto em respeito às vítimas da covid-19, como para aqueles que ainda possuem dúvidas sobre os dados divulgados pela mídia convencional.

## 1.2 ADENTRANDO A CAMPO: A REPERCUSSÃO DAS QUEIMADAS NO AMBIENTE DIGITAL

Na época, diversos veículos da imprensa nacional se manifestaram e destacaram os acontecimentos. Entre eles o *Estadão*, G1, *Folha de São Paulo*, *El País*, e na televisão o *Jornal Nacional* da *Rede Globo* e *Band News*. Foram abordados tópicos como: 1) a ausência de políticas públicas ambientais do governo e o aumento do desmatamento e queimadas na Amazônia; 2) o céu escuro em São Paulo e a chuva com a presença de partículas cinza; 3) a repercussão nas redes sociais, principalmente o uso de *hashtags* por jornalistas, influenciadores e o público engajado na narrativa ambiental, 4) a repercussão internacional, com as sanções pelo G7 e declarações do Presidente francês Emmanuel Macron, e 5) controvérsias dos dados do INPE, ataque do governo a Ricardo Galvão e acusações a ONGs.

Boa parte da ausência de políticas públicas ambientais no governo Bolsonaro se deve à nomeação de Ricardo Salles como Ministro do Meio Ambiente. Salles possui formação em direito e atuava como advogado antes de assumir o ministério. O ex-ministro já havia atuado na Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo entre 2016 e 2017, mas foi afastado por inquéritos relacionados à improbidade administrativa. Uma das primeiras medidas de Salles em 2019 foi a exoneração de boa parte dos superintendentes do Ibama, além de um corte de 24% do

orçamento do Instituto. Atos como esses levaram à redução da fiscalização e da aplicação de multas para ações ilegais, como o desmatamento e queimadas<sup>7</sup>.

Salles já havia declarado guerra contra as ONGs e ambientalistas muito antes dos incêndios na Amazônia em agosto. O ex-Ministro, ao rever os contratos do Fundo Amazônia, afirmou ter encontrado incoerência em 30% deles, atribuindo a culpa às ONGs. Outro bloqueio, ainda maior, foi feito pelo governo na implantação de medidas e políticas para combate às mudanças climáticas: foram cerca de 95% da redução no orçamento<sup>8</sup>. Além disso, houve o fechamento da Secretaria de Mudanças Climáticas e Florestas, extinção de comitês do plano de ação de incidentes com óleo e aprovação de mais de 63 tipos de agrotóxicos<sup>9</sup>.

Dentre os tópicos repercutidos nacionalmente, as controvérsias em torno dos dados do INPE e o ataque de Bolsonaro às ONGs obtiveram maior destaque. No dia 21 de agosto, saindo do Palácio da Alvorada, o Presidente acusou ONGs de serem responsáveis pelas queimadas, sem provas ou nomes específicos. A declaração causou agitação nas redes sociais e a comunidade da direita patriótica levou a *hashtag* #AmazoniaSemOng aos *trending topics* do Twitter no mesmo dia. O Laboratório de Pesquisadores Forenses Digitais (DRFLab), da organização Atlantic Council, identificou que a *hashtag* chegou aos assuntos mais comentados com o auxílio de *bots*<sup>10</sup>. Também despertou movimentação na rede da esquerda progressista, em que inúmeros *tweets* cobrando medidas firmes do governo federal e chamando a atenção para a gravidade das queimadas foram registrados.

Assim como Salles, o Presidente Bolsonaro também apresentou um posicionamento contra as ONGs, população indígena e discursos ambientalistas. Na noite do dia 22 de agosto, em *live* pela sua página do Facebook, Bolsonaro manteve o discurso emergente de culpabilização das ONGs, indígenas e fazendeiros. O histórico de recusar ajuda internacional para o combate às queimadas soma cerca de 83,1 bilhões oferecidos por países do G7. Em resposta, o Presidente questionou as intenções do país caso aceitasse. O empenho em diminuir medidas que auxiliam a fiscalização se amplificou quando em abril de 2019, foi assinado o decreto Nº 9.760<sup>11</sup> que “encerra os processos administrativos federais relativos à apuração de infrações administrativas por condutas e atividades lesivas ao meio ambiente”. Ou seja, através

---

<sup>7</sup>[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/04/26/interna\\_politica,1049312/ministro-do-meio-ambiente-corta-24-do-orcamento-do-ibama.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/04/26/interna_politica,1049312/ministro-do-meio-ambiente-corta-24-do-orcamento-do-ibama.shtml)

<sup>8</sup><https://oglobo.globo.com/sociedade/ministerio-do-meio-ambiente-bloqueia-95-da-verba-para-clima-23646502>

<sup>9</sup> <https://br.boell.org/pt-br/dossie-flexibilizacao-da-legislacao-socioambiental-brasileira-2-edicao>

<sup>10</sup><https://amazonia.org.br/2019/08/robos-impulsionaram-hashtags-contras-ongs-na-amazonia-e-a-favor-de-salles/>

<sup>11</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/decreto/D9760.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9760.htm)

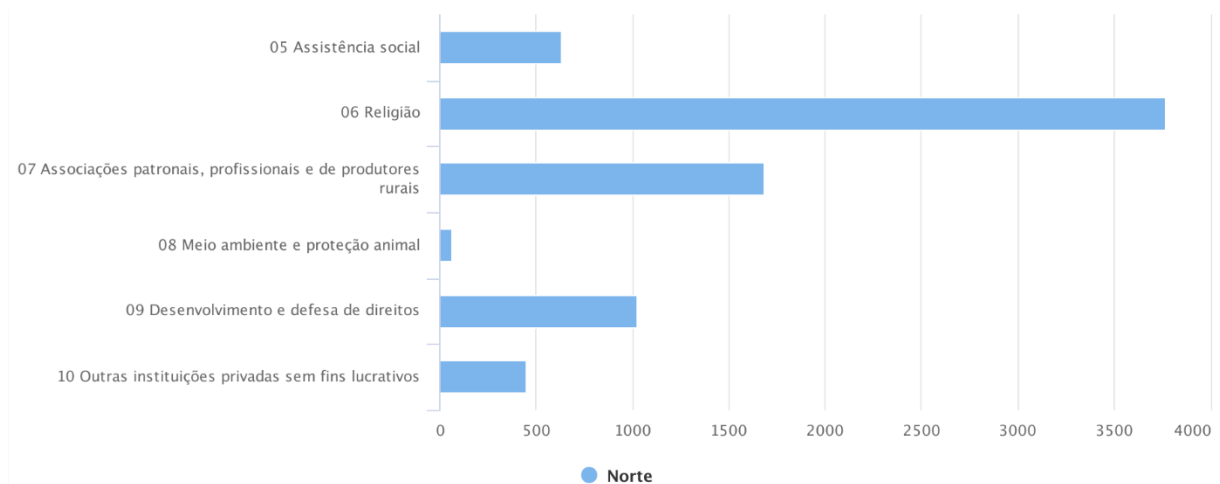
do Núcleo de Conciliação Ambiental seria possível desautorizar agentes ambientais a exercerem seu trabalho de fiscalização.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016 menos de 1% das 237 mil ONGs brasileiras são da categoria meio ambiente e proteção animal, e apenas 65 ONGs das 1.689 com essa classificação são da Região Norte do país. As ONGs que atuam na Amazônia defendem diversas causas, como o desenvolvimento de pesquisa e proteção animal, a defesa, preservação e recuperação do meio ambiente Amazônico e missões sociais com diferentes especificidades. A Associação Brasileira de ONGs (ABONG), trabalha para o fortalecimento, defesa e promoção dos direitos e bens comuns, estando em constante articulação e diálogo com movimentos sociais nacionais e internacionais, dentre elas apoiadores, associados e parceiros que garantem a manutenção e continuidade do trabalho das ONGs. Na região amazônica, atuam ONGs como o Instituto Socioambiental (ISA), Operação Amazônia Nativa (OPAN), SOS Amazônia, WWF-Brasil, Projeto Saúde e Alegria (PSA), entre outras.

Três meses após os incêndios e as acusações do Presidente às ONGs, a Brigada de Incêndio de Alter do Chão – que atua em conjunto ao Corpo de Bombeiros para apagar incêndios na Amazônia desde 2018 – teve quatro voluntários da sua equipe presos numa operação da Polícia Civil do Pará. Documentos do Projeto Saúde e Alegria (PSA) foram apreendidos na mesma época sob fortes acusações de estarem por trás dos incêndios em Alter do Chão. As prisões e apreensão repercutiram na imprensa e nas redes. A falta de provas e as mobilizações e pressão de ambientalistas, indígenas e ativistas fez com que a PF descartasse o envolvimento dos grupos nos incêndios.

A ONG PSA, fundada por médicos em 1987, é uma iniciativa civil sem fins lucrativos que atende cerca de 30 mil moradores de comunidades rurais, buscando soluções para problemas reais que a população enfrenta na área da saúde, saneamento básico, economia, educação e outras questões de ordem social e de direitos humanos. Já a Brigada é um grupo de voluntários do Instituto Aquífero Alter do Chão, em que atua para implementar ações socioambientais específicas da região amazônica.

Figura 1 - Fundações privadas e associações sem fins lucrativos em 2016



(Fonte: IBGE)

Enquanto isso, na rede bolsonarista e de direita, outros tópicos apareceram com maior destaque e seguiam a narrativa do Presidente. Além da circulação massiva de *fake news* de várias naturezas, foram observados; 1) análises erradas divulgadas pelo INPE, NASA, cientistas e mídia convencional, em específico a rede Globo; 2) indígenas que denunciavam ONGs; 3) circulação de imagens e vídeos de queimadas em outros anos; 4) os incêndios não eram no Brasil e sim na Bolívia e Paraguai; e 5) apoio dos membros do Governo ao Presidente e ao ex-Ministro do Meio Ambiente.

As notícias, no entanto, eram disseminadas em sua grande maioria por perfis pessoais de membros do Governo, como as deputadas Carla Zambelli e Joice Hasselmann, além de influenciadores e militantes de direita. O Presidente utilizou sua página do Facebook para fazer *lives* e compartilhar notícias sem comprovações científicas ou qualquer fundamento, replicando conteúdos suspeitos e dados falsos ou fora de contexto. Enfatizou a culpa nas ONGs, o fim das queimadas após trabalho da Força Aérea Brasileira (FAB), minimização do problema alegando o interesse internacional como o verdadeiro perigo, e, em pronunciamento em rede nacional, houve a negação dos dados do INPE e o prevaecimento do discurso do agronegócio.

Em uma das falas<sup>12</sup> mais problemáticas de seu discurso, Bolsonaro afirmou: “É preciso dar oportunidade a toda essa população para que se desenvolva junto com o restante do País”. Historicamente discursos como esses são proclamados por exploradores de terras indígenas,

<sup>12</sup><https://extra.globo.com/noticias/brasil/bolsonaro-diz-que-queimadas-na-amazonia-nao-justificam-possiveis-sancoes-internacionais-23900617.html>

que utilizam da antiga narrativa de proteção e ajuda para obscurecer os próprios interesses. Instituições que produzem dados e pesquisas e são combatentes no desmatamento e queimadas são colocados no lugar de inimigo do país por discursos negacionistas. Assim é possível afirmar erroneamente que as queimadas estão na média dos últimos anos, e que notícias em circulação contrárias a isso são falsas e infundadas.

De acordo com o INPE<sup>13</sup>, a temporada de fogo na Amazônia começou com força total em agosto de 2019. Apesar da estiagem intensa nessa época do ano, tal hipótese não explicava os 30.900 focos de incêndio registrados em apenas um único mês. A área total consumida foi de 43.573 km<sup>2</sup>, superando a marca de 43.171 km<sup>2</sup> do ano de 2018 todo. Como o clima predominante na Amazônia é o equatorial úmido, alta umidade e temperaturas elevadas, mesmo com a seca nos últimos anos a Amazônia não esteve tão úmida como em 2019. De acordo com dados do INPE, entre os dias 10 e 11 de agosto foram detectados 1.457 focos de calor só no estado do Pará. Como mostra o mapa abaixo, registrou-se focos de calor em mais seis estados: Mato Grosso, Rondônia, Amazonas, Acre, Maranhão e Tocantins.

Figura 2 – Mapa dos dias 10 e 11 de agosto de 2019



(Fonte: Terrabrasilis/INPE)

No dia 18 de agosto o Jornal Nacional da Rede Globo noticiou que a Noruega decidiu pela suspensão do repasse de recursos para o Fundo Amazônia. O país já se mostrava

<sup>13</sup>Disponível em: <http://www.inpe.br/queimadas/infoqueima.php>

preocupado com os desmatamentos ocorridos no Brasil e insatisfeito com as medidas na administração do Fundo Amazônia. No mesmo dia, o Presidente Bolsonaro publicou em seu Twitter: “em torno de 40% do Fundo Amazônia vai para as ONGs, refúgio de muitos ambientalistas [...]”, seguido de um vídeo como forma de resposta a notícia.

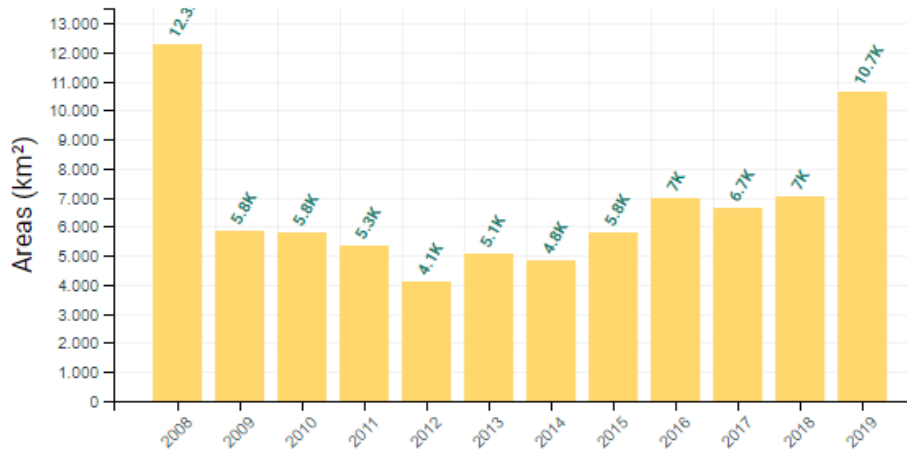
No dia 19 em São Paulo, o céu foi invadido por nuvens escuras, chamando a atenção da população paulista e da mídia nacional. Isso fez com que se potencializasse as discussões sobre as queimadas e fotos circularam em grande quantidade acompanhadas de discursos que cobravam ações do governo. Após dois dias, em 21 de agosto, Bolsonaro atacou novamente as ONGs e manteve a narrativa emergente e a alta equiprobabilidade<sup>14</sup>. No dia seguinte, conteúdos de baixa credibilidade sobre ONGs, Noruega e Alemanha e o apoio internacional começaram a circular nas redes.

Desde o início de 2019, os números mostraram um aumento na taxa de desmatamento e de queimadas, fato informado ao Ibama pelo então diretor do INPE, e sem respostas por parte do Ministério do Meio Ambiente. Segundo o relatório do mês de agosto do INPE, houve detecção de concentrações de focos no oeste de Mato Grosso do Sul, norte de Rondônia e sul do Amazonas. É possível ver que em 2019 o número de áreas desmatadas do bioma Amazônia foi o maior dos últimos 10 anos, ficando atrás apenas do ano de 2008. A flexibilização da Lei nº12.651/2012, que instituiu o novo Código Florestal, somado a uma política pouco interessada nas questões ambientais, resultou em números alarmantes de desmatamento.

---

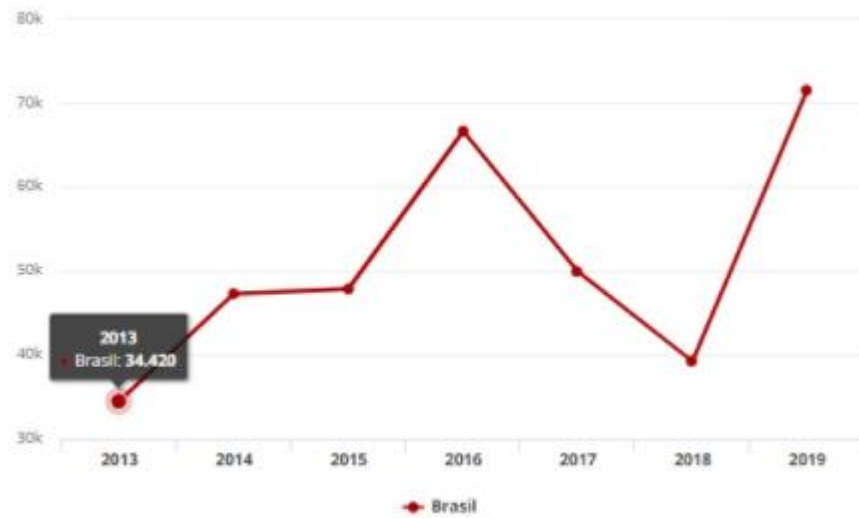
<sup>14</sup> Em “What the Brazilian 2018 elections tell us about post-truth in the neoliberal-digital era”, Cesarino define a equiprobabilidade como a condição em que quase qualquer declaração pode ser desafiada a baixos custos ou até mesmo nenhum custo.

Figura 3 - Taxas de desmatamento (Amazônia)



(Fonte:INPE)

Figura 4 - Número de focos de queimadas entre 2013 e 2019



(Fonte: Programa Queimadas/INPE)

### 1.3 ESCOLHAS METODOLÓGICAS: ETNOGRAFIA E ANÁLISE DE REDE

Esta parte da pesquisa busca explicar os interesses e desafios do período do campo, metodologia e tema de pesquisa. Traz a discussão geral do tema e, como ponto de partida, um interesse desenvolvido nos últimos semestres da graduação. Houve muitas mudanças tanto do objetivo central como das maneiras disponíveis de se fazer etnografia em tempos pandêmicos. Inicialmente meu interesse era trabalhar com mídias digitais e sua influência na opinião pública



sobre política e impacto no desenvolvimento de políticas públicas ambientais. Após as mudanças no cenário político brasileiro em 2018, notou-se que as mídias digitais ocuparam um papel importante na distribuição de informações em várias esferas da vida.

Todas essas transformações, que levavam a outros entendimentos da realidade, de certa forma me forçaram - ou já estava inconscientemente prenunciado – a pensar em uma adaptação do fazer e praticar antropologia. Diante do predomínio das tecnologias no cotidiano de boa parte da população, as dúvidas acerca da constituição da vida online e off-line reacenderam. Autores como Miller e Horst (2012) entendem a antropologia digital como uma subdisciplina capaz de intensificar a natureza dialética da cultura. Para eles, no digital cabe tudo aquilo referente a código binário, produzindo diferenças e particularidades. É dialética a relação entre a universalidade e particularidade e as conexões entre seus efeitos – podendo ser eles positivos e negativos. Além disso, os autores pontuam que não houve intensificação da mediação por conta da ascensão do digital, sugerindo que:

A Antropologia Digital progredirá ao ponto de que o digital permitir-nos-á entender e expor a natureza fechada da cultura analógica ou da vida pré-digital e as suas falhas quando caímos vítimas de um discurso mais amplo e romântico que pressupõe uma maior autenticidade ou realidade no pré-digital. (MILLER & HORST, 2015, p. 91).

Entretanto, a minha compreensão de uma antropologia e etnografia digital vai de encontro com definições que discorrem sobre a fronteira<sup>15</sup> tênue entre o online e off-line. Cada vez menos aparente, ela pode ser apontada e estudada justamente pela antropologia digital e para isso, uma das importantes contribuições teóricas que me ajudaram a pensá-la não apenas como uma linha metodológica, separada das abordagens clássicas da antropologia, mas como um olhar especializado sobre processos sociais. Como é pontuado por Cesarino (2018):

Ela permite e encoraja o aproveitamento das ferramentas teóricas e metodológicas clássicas da antropologia para compreender fenômenos contemporâneos envolvendo o digital. [...] a antropologia digital não é um sub-campo da antropologia, mas uma atenção especial à intervenção do digital em processos sociais e culturais, e portanto transversal aos diversos subcampos da disciplina. [...] qualquer tema estudado pela antropologia, dificilmente não haverá algum tipo de mediação digital. Não se trata de reduzir processos sociais e culturais ao digital, mas de levar a sério a intervenção do digital como mediador cada vez mais presente em relações que se dão também, em boa medida, *offline*. (CESARINO, 2018, p. 4).

---

<sup>15</sup> Apesar de concordar com Noveli (2010) que, mundos online e off-line não se constituem separadamente, sendo ele um *continuum* da mesma realidade, por falta de termo melhor utilizou-se *fronteira*.

Assim, o contato com a literatura sobre etnografia em ambientes digitais ajudou a delimitar, em certo grau, o objeto e tema de pesquisa. O interesse surgiu em boa parte por conta do ambiente acadêmico, em meados do segundo semestre de 2019 durante a matéria de seminário de pesquisa, e após o contato com matérias sobre neoliberalismo e mídias digitais. Neste mesmo período, no Brasil estouravam diversas crises ambientais, entre as quais as catastróficas queimadas na Amazônia. Apesar da minha aproximação e interesse pelas mídias digitais, pouco sabia sobre esse objeto de pesquisa e a maneira de estudá-lo utilizando metodologias antropológicas. A etnografia virtual passou a ser não apenas uma opção, mas sim a única maneira de trabalhar no período que exigiu distanciamento social e quarentena. Popularizado por Christine Hine, o termo etnografia virtual não significa um novo método que deixa para trás os clássicos formatos de se desenvolver uma pesquisa, mas “uma forma de trazer em foco tanto os pressupostos nos quais a etnografia é baseada, e as características que são consideradas especiais no que diz respeito às tecnologias envolvidas.” (HINE, 1998 apud NOVELI, 2010, p 113).

Por conta do desenrolar dos fatos e após alguns recortes do tema, o projeto passou a ter como objeto a análise de discursos em ambientes digitais sobre as queimadas, em específico a narrativa adotada pelo governo brasileiro, tão repercutida no Brasil e no mundo. O que chamava a minha atenção eram os padrões discursivos típicos do populismo (Laclau, 2005) e as associações no subconsciente dos afetos da população, que podiam ser identificados nesse caso da Amazônia. Outra possibilidade poderia ser trabalhar com o aparecimento de manchas de óleo nas praias do Nordeste, que ocorreu também em agosto de 2019, mesmo período das queimadas. Por questões de tempo, interesse e maior envolvimento com as discussões da Amazônia, optei por continuar nesse segmento.

A escolha de trabalhar com métodos mistos - etnografia e análise de dados - fizeram com que dedicasse um tempo maior à literatura da área de comunicação e no aprendizado de terminologias, assim como o funcionamento de ferramentas posteriormente usadas no tratamento dos dados. Dessa forma, a pesquisa dividiu-se em duas partes metodológicas, contando inicialmente com um estudo exploratório e quantitativo do mês de agosto de 2019. A atenção voltou para os *tweets* publicados a partir do dia do fogo (10), pelos perfis do Presidente e do ex-Ministro do Meio Ambiente. Para isso, adotou-se a análise de conteúdo (AC), um método composto por três etapas, sendo elas: pré-análise com exploração, codificação e categorização. De acordo Bardin, esse método constitui:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (Bardin, 1979, p. 42).

Para essa fase do projeto, optei por utilizar essa metodologia no procedimento quantitativo, para que então me auxiliasse na coleta e organização dos *tweets*. Como o Twitter é uma rede social de API<sup>16</sup> aberta e pública, qualquer pessoa tem acesso à *tweets* de qualquer perfil, contanto que a opção de proteção de *tweets*<sup>17</sup> esteja desativada. Quando ativada, os *tweets* e outras informações sobre a conta ficam visíveis apenas para as pessoas que são seguidas pela pessoa.

Através da sistematização e exploração dos dados, buscou-se aspectos quantitativos de associação e frequência de termos nos discursos. Após essa primeira etapa, segue para a classificação e agregação dos dados. Essas duas fases têm por objetivo chegar a um conjunto de categorias ou conceitos mais amplos, que constituem a última etapa (RECUERO, 2018, p. 14). Porém como na etnografia digital a análise de discurso é feita de forma mais intuitiva pelo antropólogo, essas técnicas de análise da Comunicação tão somente auxiliaram em aspectos mais quantitativos do processo.

Como os *tweets* estão disponíveis de maneira pública nos perfis, para encontrá-los há algumas opções de busca. Uma delas é através do próprio perfil da pessoa, rolando a página até a data específica, mas que levaria muito tempo, pois a coleta desses dados ocorreu quase um ano após as queimadas, devido a imprevistos como a pandemia da covid-19. Outra opção é pelo campo de busca do Twitter, onde existe uma aba de busca avançada, sendo possível adicionar filtros de busca que facilitam a pesquisa. Há também programas e ferramentas que auxiliam na coleta de dados, como o yTK<sup>18</sup>, NodeXL<sup>19</sup> e o Netlytic<sup>20</sup>.

Entretanto, boa parte desses *crawlers* captam *tweets* do momento em que se iniciou a busca em diante, ou no máximo 30 dias anteriores à data de busca. Alguns precisam de servidor e conexão estável, outros se mostraram muito complicados de instalar e com altos riscos por apresentarem ilegalidades de acordo com a API do Twitter. Na época que fechava o tema para

---

<sup>16</sup> *Application programming interface* - interface trabalhada por um aplicativo de software.

<sup>17</sup> <https://help.twitter.com/pt/safety-and-security/public-and-protected-tweets>

<sup>18</sup> Disponível em <https://github.com/540co/yourTwrapperKeeper>

<sup>19</sup> Disponível em <https://www.smrfoundation.org/nodexl/>

<sup>20</sup> Disponível em <https://netlytic.org/index.php>

o projeto, não tinha o conhecimento dessas pré-condições para a utilização de cada ferramenta, fazendo com que dificultasse o acompanhamento rigoroso dos *tweets* a posteriori.

Como meu objetivo era coletar os *tweets* de dois perfis -do Presidente e ex-Ministro- e por ter realizado a pesquisa nos meses finais de 2020, utilizei a busca avançada da própria plataforma. É possível filtrar a busca por palavras, *hashtags*, contas (de determinado usuário e suas conversações com outros usuários), incluir respostas e links, engajamento (*tweets* com certo número de respostas, curtidas e *retweets*) e data. No caso desta pesquisa, utilizei algumas palavras-chave como, Amazônia, incêndio, ONGs, Macron, Donald Trump e INPE. Utilizei o recurso de conta, realizando a pesquisa com o perfil oficial do Presidente Bolsonaro (@jairbolsonaro) e do ex-Ministro Salles (@rsallesmma). Por fim, o intervalo de datas estabelecido foi de 01 a 31 de agosto de 2019.

A leitura essencial que me apresentou e auxiliou na compreensão do desenvolvimento dessas ferramentas foi *Introdução à análise de redes sociais online* de Raquel Recuero (2017). Foi possível encontrar de maneira acessível e didática a abordagem de pesquisa da área de comunicação, que pode ser utilizada por estudantes de outras áreas. Foram feitas então duas pesquisas, uma relativa ao perfil do Presidente, com as referidas palavras e a data, em seguida igualmente com a conta do ex-Ministro Salles. Pelas razões mencionadas, não posso afirmar que analisei, em absoluto, todos os *tweets* de agosto de 2019 dos dois perfis mencionados. Esse foi um corte que fiz por conta das possibilidades, recursos disponíveis e por me interessar apenas na narrativa em torno desses assuntos. A etapa de classificação em seguida se deu da seguinte maneira: para cada palavra fez-se uma pasta no computador da pesquisadora, e os *tweets* sobre cada tema foram salvos em forma de *print screen*. Cada *print* é nomeado pela data de postagem e salvo em subpastas com uma breve descrição do que aborda cada *tweet*.

Esses *tweets* foram utilizados para a análise dos discursos, realizando uma identificação dos padrões metalinguísticos. Entretanto, inicialmente a ideia era apenas apresentar um material quantitativo, mostrando os efeitos performativos de *hashtags* observados através de visualização gráfica. Posteriormente em 2020, tive acesso a *tweets* de 2019, captados por uma colega comunicadora que possuía em seus arquivos pessoais. Dessa forma, o objetivo era de realizar a análise de rede de forma mais ampla daquele período e com o auxílio de *crawlers*. Como aponta Recuero (2018), essa abordagem tem por objetivo:

Analisar a estrutura da rede e compreender como a posição dos nós e a estrutura das conexões influencia os fenômenos. A abordagem tem um foco estrutural e suas métricas são utilizadas para compreender-se a importância da posição dos nós na estrutura e a importância das conexões entre os vários nós. Este foco é bastante

propício para o estudo das relações entre os conceitos em falas na internet, justamente porque permite, através de suas métricas e analogias, compreender-se conceitos mais centrais, mais relevantes para os atores, bem como grupos de conceitos que tendem a aparecer juntos e suas relações (RECUERO, 2018, p. 16).

Baseada no estudo de nós e suas conexões, a análise de redes utiliza as métricas para compreender as posições dos nós e a estrutura geral da rede. Com isso, é possível mapear narrativas em mídias sociais, e quando aplicadas a grupos conectados por conceitos são capazes de:

Oferecer dados sobre como estes estão articulados nas falas dos atores na mídia social. O objetivo, portanto, é analisarmos a estrutura de conceitos utilizados nas “falas” dos atores sociais, identificando conceitos mais centrais e associações mais fortes e frequentes, oferecendo, assim, pistas das construções discursivas associadas a determinados tópicos na mídia social (RECUERO, 2018, p. 17).

Com o auxílio de softwares como o Gephi<sup>21</sup> e Netlytic, nessa etapa é possível fazer um mapeamento inicial e buscar visualizar elementos que conectam os usuários. A análise do material recolhido que compõe essas redes possui o objetivo de formar uma arquitetura de pesquisa onde seja possível classificar os perfis que utilizaram a *hashtag* #PrayForAmazon em conexão a #AmazôniaSimSallesNão e #ForaSalles. E classificar também as *hashtags* #SomosTodosRicardoSalles, #AmazoniaSemOng e #ApoioTotalRicardoSalles em conexão a #PrayForAmazon.

Essas *hashtags* têm um tempo de duração dentro do mês de agosto, sendo descartados os *tweets* fora desse limite estabelecido e que não apresentam essas *hashtags*. Isso foi feito por dois motivos. Primeiro, surgiu um desafio quantitativo, pois a quantidade de *tweets* do mês de agosto é imensa, somando milhares de *tweets* (nessa fase da pesquisa, foi analisada toda a rede do Twitter brasileiro e não apenas os perfis do Presidente e do ex-Ministro). Segundo, porque após esse período é quase inexistente a presença dessas *hashtags*, adicionando quase nenhuma informação para a pesquisa.

Como já mencionado, os dados chegaram até mim por volta de janeiro de 2021 através do contato com outra pesquisadora, estando ela também desenvolvendo uma pesquisa sobre o tema. Após ter conhecimento do meu projeto, ela se propôs a criar um painel no Google Data Studio, em que poderia ser visualizado e feito o download dos dados no formato Excel. Outra

---

<sup>21</sup> Disponível em <https://gephi.org/>

sugestão proposta por ela foi a criação de um mini site composto por grafos de coocorrência<sup>22</sup> e que ficariam disponíveis de modo interativo para a pesquisadora.

Alguns dos desafios que encontramos inicialmente eram quantitativos. Em seu banco de dados, somavam-se por volta de 1 milhão de *tweets* apenas no mês de agosto. Por conta disso, foram feitas algumas alterações na produção do material sobre as *hashtags*. Em consequência dos meus conhecimentos limitados em *crawlers*, passei a focar em como produzir grafos que identificassem as controvérsias e mapeassem a disputa narrativa. Entretanto, nos próximos capítulos explicarei mais a fundo as impossibilidades que me levaram a não apresentar tais grafos. Os demais conhecimentos referentes a essa metodologia ficaram por conta da leitura de textos sobre análise de rede.

Para a introdução do trabalho, buscou-se explicar o contexto e a atmosfera que pairava pelo país em 2019, com diversas crises ambientais e políticas implodidas naquele ano. Para isso, fez-se um levantamento do conteúdo divulgado pela mídia através dos sites desses jornais. Uma das fontes mais utilizadas foi o site do INPE, do próprio governo federal e os perfis oficiais no Twitter de cada ator.

---

<sup>22</sup> Grafos de coocorrência são as conexões entre os conceitos pré-estabelecidos pelo pesquisador, nesse caso sobre as controvérsias dos discursos sobre as queimadas. Será estudado a partir da análise de rede.

## 2 OS 140 CARACTERES

Em sua conta oficial do Twitter, Bolsonaro concentrou suas declarações em destacar pontos favoráveis ao Governo como as ações da FAB, o diálogo com chefes de outros Governos, e o apoio de aliados - em sua grande maioria figuras militares. A narrativa de culpabilização das ONGs continuou em grande proporção, reforçando teorias conspiratórias de um suposto interesse e soberania externa sobre a Amazônia. Por fim, destaca-se a polêmica discussão com Emmanuel Macron, Presidente francês. As medidas tomadas pelo Governo se iniciaram tardiamente no fim do mês de agosto, e nenhum plano efetivo de combate às queimadas foi anunciado pelo Presidente.

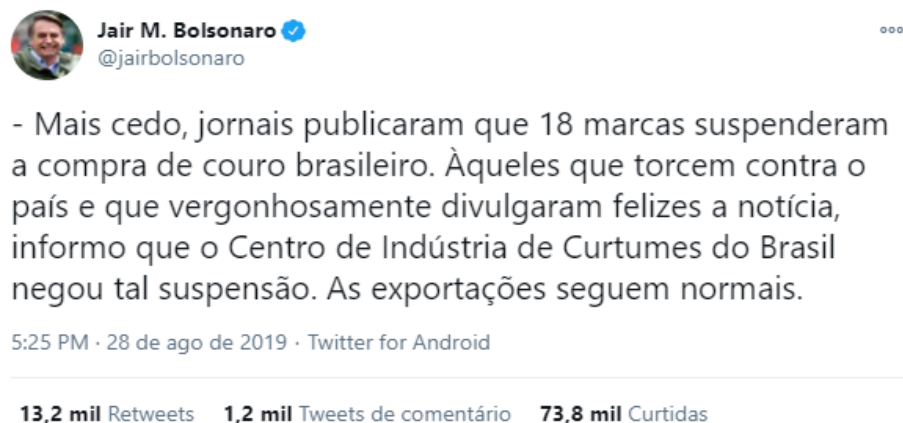
Dedicando-se a inflamar discussões e atribuir a terceiros a culpa e o dever de combate às queimadas, o Presidente utilizou de seu perfil no Twitter para se defender das acusações e críticas referentes à Amazônia. Em um tweet conhecido, o Presidente acusa a Noruega de promover matança de baleias, e que por essa razão, o país não teria propriedade para opinar na questão ambiental brasileira. O tweet acompanha um vídeo gravado nas Ilhas Faroe, Dinamarca, e não na Noruega como afirma Bolsonaro, onde anualmente a caça ocorre devido a tradição centenária do local.



(Fonte: Twitter Brasil)

Entre julho e outubro de 2019, sobre o tema do Meio Ambiente foram sete declarações falsas ou exageradas proferidas pelo Presidente no Twitter, de acordo a agência de checagem Aos Fatos<sup>23</sup>. Quatro dessas foram repetidas em outros momentos por Bolsonaro, que utiliza sua rede social para desqualificar o trabalho da imprensa e aumentar o grau de desconfiança na grande mídia. Em 28 de agosto, Bolsonaro se manifestou sobre matérias que relatavam a possível suspensão de importação de couro brasileiro por parte de marcas internacionais. Não é a primeira vez que Bolsonaro utiliza a rede social para “desmentir” jornais e mostrar a *verdade* ocultada por eles. Muitas das declarações do Presidente no Twitter em 2019 não possuem referências que embasam suas afirmações. É comum encontrar, nos *tweets* de Bolsonaro, confusão e imprecisão nos fatos quando um dado não é interpretado erroneamente, é contraditório.

Figura 6 - *Tweet* da constante tentativa do Presidente de desqualificar a mídia

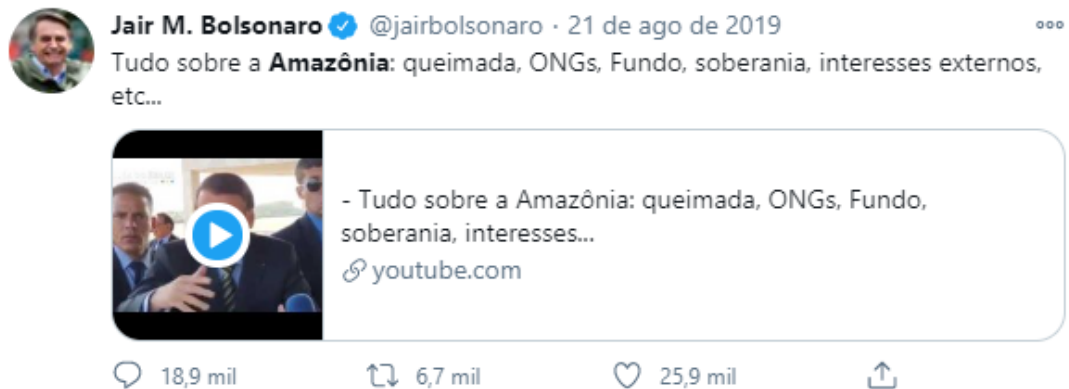


(Fonte: Twitter Brasil)

<sup>23</sup><https://www.aosfatos.org/>



Figura 7 - O *tweet* acompanha um vídeo da polêmica entrevista de Bolsonaro, culpabilizando as ONGs pelas queimadas, sem apresentar provas



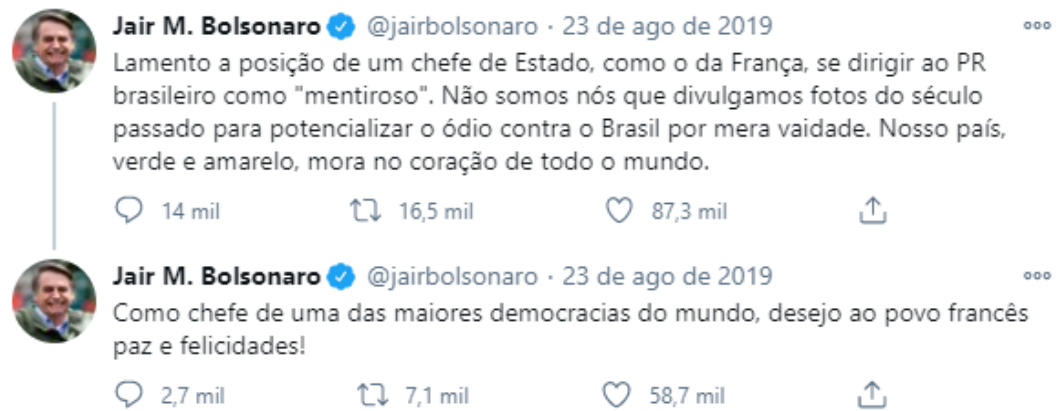
(Fonte: Twitter Brasil)

Figura 8 - Resposta de Bolsonaro às críticas do Presidente francês sobre a gestão ambiental brasileira



(Fonte: Twitter Brasil)

Figura 9 - Bolsonaro volta a rebater as declarações de Macron



(Fonte: Twitter Brasil)

Na mesma linha de argumentação do Presidente, o posicionamento do Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles nas redes sociais se resumiu a atacar a imprensa, instituições ambientais e críticos de sua gestão, como fez Macron em agosto. Em 23 de junho de 2021, Salles é exonerado do cargo de Ministro. De acordo com o Diário Oficial da União, em edição extra, tal medida foi tomada a pedido do mesmo.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/23/bolsonaro-exonera-salles-do-cargo-de-ministro-do-meio-ambiente.ghtml>

Figura 10 - Salles por diversas vezes criticou jornais por divulgarem notícias sobre meio ambiente



(Fonte: Twitter Brasil)

A guerra declarada à ciência e a especialistas ambientais teve seu pontapé inicial durante o programa Painel da Globonews, transmitido na noite do dia 10 de agosto, que contou com a presença de Salles e do ex-diretor do INPE, Ricardo Galvão. Enquanto Salles colocou a ciência como antagonista do povo ao responder, “o senhor que coloca os cientistas acima dos cidadãos, tinha que ser o primeiro a ter autocontrole e postura compatível[...]”. Galvão assumiu o papel oposto ao dizer, “coloco [acima] a ciência, não os cientistas”. Além dessa, outra fala de Salles explicitou seu objetivo de estabelecer uma linha populista, divisória e oposta entre a ciência e as chamadas pseudociências, como formas de obter a verdade: “o que nós vemos há muito tempo é a ciência se arrogando do direito de dizer isso ou aquilo”.

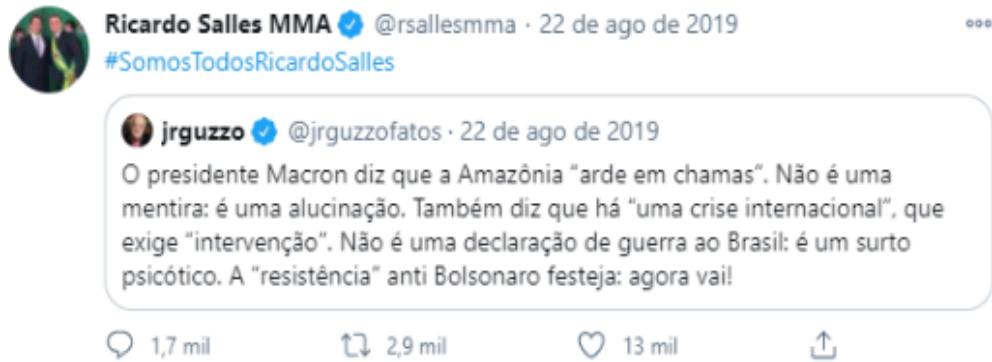
Figura 11 – Após o “dia que virou noite” em São Paulo, Salles usou seu perfil no Twitter para comentar sobre o acontecido



(Fonte: Twitter Brasil)

Em seu perfil no Twitter, o ex-Ministro manteve seu discurso anti-ciência emergente, mas sobretudo, criticou fortemente os meios de comunicação de espalharem dados e notícias falsas como forma de atacar o Governo. Minimizou os números das queimadas e inflamou a relação do Brasil com outros países. Houve apenas um *tweet* referente ao dia do fogo informando que o caso estava sendo apurado para punir os responsáveis, mas como visto, passado um ano poucas medidas efetivas foram tomadas. Houve também diversos *tweets* com conteúdo conspiratório, como a atuação criminosa de ONGs e a venda da Amazônia. Salles direcionou alguns *tweets* ao Presidente Francês, nutrindo a acusação de Bolsonaro sobre interesses políticos exteriores. No dia 22 de agosto, Salles chega a utilizar a *hashtag* #SomosTodosRicardoSalles e mantendo a narrativa emergente.

Figura 12 - *Tweet* com a *hashtag* #SomosTodosRicardoSalles, impulsionada com o auxílio de bots



(Fonte: Twitter Brasil)

Figura 13 – Declaração de Salles no Twitter sobre as queimadas



(Fonte: Twitter Brasil)

## 2.1 POPULISMO DIGITAL E SUAS FUNÇÕES METALINGUISTICAS NO CONTEÚDO CIRCULADO

Para desenvolver uma linha lógica de como discursos se mostram eficazes com a intensificação da digitalização política, é importante definirmos alguns conceitos que estruturam a base de análise deste trabalho. De antemão podemos dizer que boa parte da eficácia discursiva é derivada de uma atmosfera de crises de confiança na ciência. Para embasar a análise discursiva do conteúdo digital, olhemos para os estudos do filósofo político Ernesto Laclau e de sua esposa e cientista política Chantal Mouffe. No início dos anos 2000, Laclau lança seu livro *A razão populista*, em que tenta chegar a uma definição do populismo. O que vemos são diversas pré-condições que dão origem a uma *forma* e processos de construção do político e da lógica política, sendo o principal ator histórico nessa construção, o “povo”. Laclau entende “povo” como mais do que apenas membros de uma comunidade. Nesse caso, é entendido como os que ficaram de *fora*, os excluídos e que agora se reconhecem na figura representativa de um líder populista. Nesse momento o líder passa a ter a função de significação através da cadeia de equivalências que o une ao “povo”, e carrega em si uma noção de singularidade e identificação. O discurso populista passa então a representar a vontade do “povo”. Todavia, para o autor, uma suposta heterogeneidade das demandas não remete à diversidade, pois:

Se a construção do “povo” é uma construção *radical*, que constitui os agentes sociais enquanto tais e não expressa uma unidade do grupo previamente dada, a heterogeneidade das demandas que a identidade popular aporta para uma unidade precária tem de ser irredutível. Isso não significa necessariamente que essas demandas não sejam análogas ou pelo menos comparáveis em algum nível; significa, sim, que elas não podem ser inscritas em um sistema estrutural de diferenças, que lhes proporcionaria uma base infraestrutural (LACLAU, 2005, p. 182).

Utilizando três conjuntos de categorias – do discurso, de significantes vazios e hegemonia e da retórica –, o autor orienta sua abordagem teórica para a mobilização do discurso político a níveis simplórios, o que os torna eficazes, pois acabam atingindo mais o plano dos afetos. Outro aspecto importante que opera discursivamente na formação do populismo, e que possui ligação com o campo desta pesquisa, é a presença dos antagonismos amigo-inimigo e ordem-desordem. Como os aspectos antagônicos estão muito presentes tanto no populismo como no caso empírico aqui analisado, dediquei um espaço adequado para explicar cada um deles, sendo esses aspectos importantes na manutenção da chamada cadeia de equivalência de Laclau. Para além disso, outra característica do populismo levantado por Laclau e Mouffe em

outras obras, é ele ser uma forma de construção de hegemonia política. Uma espécie de solução precária e provisória para uma crise, cria-se uma hegemonia através de diferentes cenários como forma de preencher o vazio na cadeia de necessidades. Em *Hegemonia e Estratégia Socialista*, os autores explicam:

O conceito de hegemonia não emerge para definir um tipo novo de relação em sua identidade específica, mas para preencher um hiato aberto na cadeia da necessidade histórica. Hegemonia irá aludir a uma totalidade ausente e às diversas tentativas de recompô-la e rearticulá-la que, ao superar esta ausência originária, torna possível conferir às lutas um sentido e às forças históricas serem dotadas de plena positividade. Os contextos nos quais o conceito aparece serão aqueles de uma falta (no sentido geológico) de uma fissura que precisa ser preenchida, de uma contingência que precisa ser superada. Hegemonia não será o desdobramento majestoso de uma identidade, mas a resposta para uma crise (LACLAU e MOUFFE, 1985, p. 7).

Esse processo de construção da hegemonia liga-se a diferentes identidades construídas pelo indivíduo ao longo da vida, que irão emergir em determinados momentos. Para Laclau, a hegemonia estrutura-se por meio de significantes vazios mobilizados por uma cadeia de equivalência capaz de incluir de forma heterogênea identidades de todas as esferas, convergindo-as em uma única. Com isso, é possível ter controle sobre diferentes grupos sem que, necessariamente, compartilhem as mesmas características. Ao pontuar as características do populismo como a articulação equivalente das demandas que possibilitem a emergência do “povo” – uma formação da fronteira antagonista interna separando o “povo” do poder, e a unificação dessas várias demandas numa cadeia de equivalências –, veremos como elas serão centrais para entender a lógica de atuação do governo em momentos de instabilidade, como foi o caso das queimadas em 2019.

O que chamou a minha atenção na época das queimadas foram as discussões geradas nas redes sociais, sendo possível observar na prática a atuação do populismo, agora por intermédio das mídias digitais. Em “Social media and populism: an elective affinity?” Paolo Gerbaudo (2018) levanta importantes questionamentos acerca do surgimento de movimentos populistas no espaço das mídias digitais e de como se dá esse encontro. Para o autor, embora as mídias sociais tenham se tornado, sem pretensão, espaços que representam os “não representados”, conferem voz a esse “povo”. Assim, apresenta dois níveis que ligam a mídia social ao populismo. O primeiro é possível por conta do design das mídias, em que o indivíduo passa a enxergar esses espaços como porta-voz (em contraposição à grande mídia) para

expressar e formar sua opinião, além de construir movimentos. O outro nível é da arquitetura algorítmica ou filtros-bolha, onde pessoas com pensamentos semelhantes se unem e formam verdadeiros rebanhos. De acordo com a perspectiva política, fogem do propósito inicial pensado para esses espaços:

First, the design of social media as alternative media where ordinary people can express themselves has provided a suitable venue for populist movements to counter the perceived pro-establishment bias of mainstream news media, so that alternative media channels capable of intercepting popular anger have risen in importance. Second, the aggregative functionalities of social media, embedded in their algorithmic architecture and their “filter bubble” tendencies, has allowed disgruntled individuals embracing ideas regarded as improper by liberal common sense to find each other and form online crowds, which have played a crucial role in providing militant support for anti-establishment candidates, as seen for example in the #Gamergate community support of Donald Trump's presidential campaign. Thus, it can be said that from a political perspective social media are channels that have slipped from the hands of their creators, large digital corporations as Facebook and Twitter whose support towards the neoliberal agenda is evident, but which have found themselves hosting conversations whose political content raises a fundamental challenge to neoliberal ideology. This populist hi-jacking of social media has ambivalent implications, as it appears to be equally amenable to the rightwing and hateful populism of the likes of Donald Trump and Nigel Farage, and the hopeful and progressive populism of Bernie Sanders and Jeremy Corbyn. (GERBAUDO, 2018, p. 1).

Admitindo a impossibilidade de determinar uma teoria que explique as afinidades entre o populismo e as mídias digitais, Gerbaudo elenca dois pontos que mostram a dificuldade de se pensar esse fenômeno. Primeiro, a estranha ligação entre uma forma atrasada de luta pela modernização como o populismo e o considerado avanço tecnológico atribuído às mídias sociais. E segundo, a questão do hiperindividualismo derivado das mídias, que podem ser conectadas muito mais à espontaneidade do neoliberalismo, ao invés do populismo, com suas ideias de agrupamento e coletivo. O autor então recorre à história para respondê-las, utilizando de exemplo o caso do Partido do Povo nos EUA e os movimentos populistas latino-americanos. Neles, argumenta que, embora antimodernista, esses movimentos possuíam traços inovadores, assim como os populismos contemporâneos possuem traços fortes de inovação tecnológica mas também de crise econômica:

Contemporary populist movements have emerged in a historical period marked on the one hand by deep economic crisis that is affecting large sections of the population, significantly worsening their living conditions, and, on the other hand, by rapid and highly disruptive technological innovation, which is redefining the way in which people communicate and work. Similarly to previous waves of technological innovation, this opened a major gap in wealth and power between ordinary people and economic and political elites (Eisenstein, 1980). The rise of digital populism needs to be understood as the product of these two trends, since they have opened a space for



populist movements to appeal to digitally connected but politically disgruntled electorates. (GERBAUDO, 2018, p. 3).

Já em relação ao segundo ponto, Gerbaudo argumenta como o hiperindividualismo<sup>25</sup> produziu indivíduos politizados por nenhuma organização ou figura política. É nesse sentido que o ambiente se torna propício para a retórica populista se instalar e obter mais adeptos a uma identidade única de povo. Ao longo do texto, o autor se apoiará em dois recursos para explicar melhor esse último ponto, sendo eles a mídia social como voz do povo e como manifestação do povo. Várias teorias pensadas por Gerbaudo se assemelham a de outros autores que também pensaram a relação do populismo e das mídias digitais.

Outras contribuições interessantes derivam dos estudos de Sven Engesser, Nicole Ernst, Frank Esser e Florin Büchel, como o artigo *Populism and social media: how politicians spread a fragmented ideology*. Investigando como o populismo se manifesta em redes sociais como Facebook e Twitter, os autores chamaram a atenção para a forma fragmentada com que o populismo se manifestou online. De acordo com eles, foram identificadas três razões prováveis que levavam os políticos a espalharem sua ideologia dessa forma: manter o nível simplista do discurso, preservar a ambiguidade e propagar o conteúdo em maior quantidade entre indivíduos com pensamentos semelhantes, circulando fora da visão de críticos e adversários políticos.

This means that the individual social media user can complement fragments of populist ideology with various additional ideological elements and tailor it to her or his specific political attitudes. [...] These three aims can be easier reached on social media without the interference of the mass media's journalistic gatekeepers and filter mechanisms (ENGESSER ET AL, 2017, p. 1122).

Assim, tendo em vista fugir da mediação da grande mídia, se adota um sistema híbrido de propagação de ideias, encontrando nas redes sociais um meio de chegar aos indivíduos, onde noções de público e privado se confundem. Os autores mencionam Chadwick (2013) para explicar o sistema híbrido da “lógica de mídia mais antiga e mais nova” para denominar essa conexão com as pessoas advindas da mídia e das redes sociais, onde ambos se completam e competem. Para exemplificar o caso do populismo nas redes, apresentam a lógica de ação

---

<sup>25</sup> Em *Algorithmic personalisation as a mode of individuation* (2019), Lury & Day explicam o paradoxo da subjetividade formado pela neoliberalização e a digitalização. Segundo os autores, os algoritmos individualizam sujeitos de forma - ao mesmo tempo - hiper-individual e hiper-relacional. Isso porque a individuação em rede é, singular e plural, relacional e centrada no eu.

coletiva de Bennett e Segerberg (2012), onde através dela é possível criar conteúdo de identidade coletiva, para apresentar como “quadros de ação pessoal”:

Popular examples for personal action frames are the ‘Put People First’ campaign in the London 2009 protests or the slogan ‘we are the 99 percent’ of the Occupy movement (p. 744). These frames are highly inclusive and align people with different personal backgrounds and motives under a common cause (p. 744). Personal action frames are not so much based on established social groups, memberships, and substantive ideologies but rather on ‘flexible political identifications’ (p. 744). This fits very well with the ‘thin’ (Kriesi, 2014, p. 369; Mudde, 2004, p. 544) ideology and ‘chameleonic’ (Taggart, 2004, p. 275) nature of populism. Therefore, we assume that populism on social media may manifest itself in the shape of a personal action frame. (S. ENGESSER ET AL, 2017, p. 1114).

Seguindo no mesmo argumento, o conceito de digitalização do populismo adotado nesse trabalho deriva dos estudos sobre as eleições presidenciais em 2018 de Leticia Cesarino. Neles Cesarino aborda o populismo de Laclau somado ao crescimento das mediações digitais observado nos últimos anos em todo o mundo. A mediação é vista como solução para o caos e desordem contemporânea. Através de análises meméticas nos aplicativos de WhatsApp e Facebook, a autora observa que grande parte do conteúdo circulado nas redes pelo Presidente e seus aliados, quando analisados, apontam para evidentes padrões discursivos do tipo populista. A explicação cibernética do populismo, ou populismo digital, alerta para a produção de subjetividades e de escolhas políticas durante a eleição e que acredito terem continuado após esse período, através das mídias digitais.

A digitalização do populismo passa por combinar a teoria clássica de Laclau e Mouffe com elementos das chamadas teorias de sistemas, sendo o estruturalismo a mais familiar destas na antropologia. O próprio Ernesto Laclau foi bastante influenciado pelos estruturalismos de Lévi-Strauss, Lacan e Althusser, e sua glosa da hegemonia gramsciana certamente passa por este prisma. Além disso, cabe lembrar que as próprias ciências e engenharias da computação e do digital têm um ponto de origem histórico comum com as diversas teorias estruturalistas e de sistemas: a cibernética. Suspeito que seja por isso que, na análise do *modus operandi* do populismo digital, é possível identificar mecanismos clássicos descritos por autores explicita ou implicitamente ligados à perspectiva de sistemas, como Gregory Bateson, Niklas Luhmann, Mary Douglas e Claude Lévi-Strauss (CESARINO, 2018, p. 13).

A perspectiva cibernética adotada em seu estudo se assemelha à explicação metalinguística que Laclau apresenta em *A razão populista*. A partir de cinco funções metalinguísticas identificadas pela autora, pode-se catalogar quase todo o conteúdo digital e assim, eventualmente, observar efeitos produzidos advindos desse material. Tais efeitos estão no plano performativo e denotam uma realidade externa ao emissor e receptor da mensagem, no sentido de gerar um público inexistente anteriormente (Cesarino, 2019). Reunindo análises

acerca das etnografias de Mary Douglas, Gregory Bateson, Victor Turner, Evans-Pritchard e Jean e John Comaroff, a autora as intercala em teorias como de Laclau sobre populismo.

Alguns dos pontos de convergência entre a cibernética e o populismo de Laclau descritos pela autora, e que se estendem durante toda sua análise, enfatizam o mecanismo populista como operando em um plano extremamente elementar, incorporado aos afetos e produtor de uma dialética da ordem-desordem. Como já mencionado, o plano elementar no caso brasileiro se manifestou através da redução do discurso político na época da eleição, que, por sua vez, teve grande impacto no desenvolvimento - ou a falta dele - de opinião crítica acerca da política. Já o plano incorporado dos afetos remete aos estudos de Mary Douglas. Para funcionar, a mobilização política que o populismo opera não precisa se apresentar de forma consciente ou reflexiva para o eleitor; por isso, o debate político num sentido convencional aparece como irrelevante e mesmo obsoleto (CESARINO, p 05, 2019). Por fim, ao produzir uma dialética de ordem-desordem, necessita-se que o populismo surja como anti-establishment:

Segundo Laclau, para que uma irrupção populista ocorra, é preciso que ela apareça como solução anti-establishment para um contexto de crise e desordem, tanto sociológica como cognitiva. A liderança populista bem sucedida é aquela que logra articular, por meios discursivos (e Laclau segue Wittgenstein ao pensar discurso em articulação com a prática), uma cadeia de equivalência longa o suficiente para transformar uma *plebs* (multidão difusa, com demandas heterogêneas) em *populus* (o “povo” como identidade coletiva bem definida, construída em contiguidade com o líder) (CESARINO, 2019, p. 5).

Ao observar as funções metalinguísticas identificadas pela autora através dos seus estudos sobre o bolsonarismo em 2018, vários fatores aproximam a narrativa das queimadas vistas nas redes sociais a discursos populistas. Os discursos se mostraram performativos, e assim buscavam produzir realidades diferentes gerando efeito sobre quem recebia determinada mensagem. A narrativa das queimadas pode assim ser enquadrada em cinco efeitos metalinguísticos que apresentam semelhanças entre si. Entretanto, abordá-los separadamente seria um trabalho inútil, pois todos caminham juntos e suas fronteiras são quase imperceptíveis. Na tentativa de organizar a análise, falarei de cada uma por sessão, apresentando em seguida como foi observado nas narrativas das queimadas em 2019. Enfatizo, porém, que essa separação foi necessária apenas como forma de organização, pois todas se entrelaçam e se sobrepõem entre si e na gramática populista. A gramática populista neste caso, é o modo global de estruturação, dividida em cinco funções metalinguísticas. Como define Cesarino (2020), as

funções são todas performativas, visando assim, gerar um certo efeito sobre o receptor e produzir um público onde antes não existia.

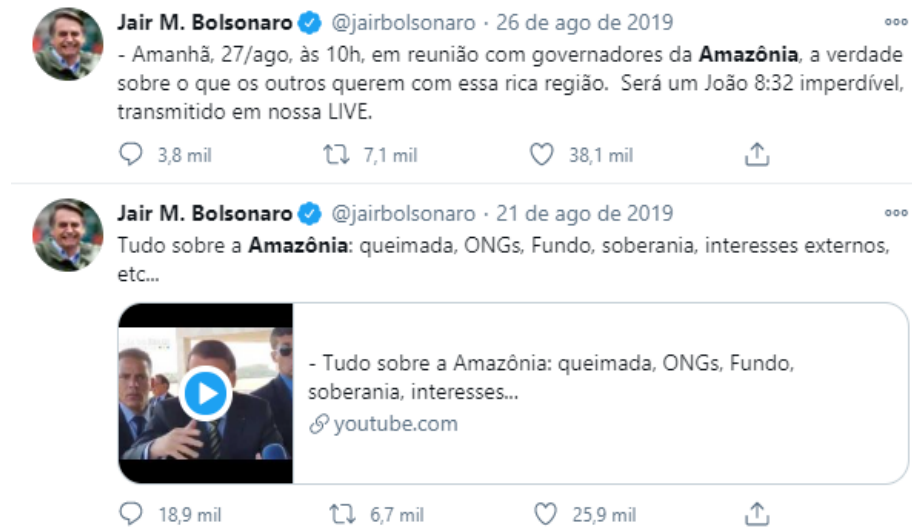
Os conteúdos sobre as queimadas circulados principalmente no Twitter produziram, por vezes ao mesmo tempo, os seguintes efeitos: 1. Fronteira antagonística amigo e inimigo, 2. Equivalência entre liderança e povo, 3. Mobilização permanente através de ameaça e crise, 4. Espelhamento do inimigo e inversão de acusações e 5. Produção de um canal midiático exclusivo. Nas próximas sessões falarei mais a fundo sobre cada efeito, podendo notar que esses enquadres discursivos não são exclusivos de um único evento, mas podem ser observados como um tipo de linguagem que governos populistas adotam diante de momentos de caos e crise, agora com um novo elemento acrescido, o digital.

### **2.1.1 Fronteira antagonística amigo e inimigo**

No populismo, é extremamente importante que se crie e se mantenha uma conexão entre o líder e o povo. Nessa relação também se estabelece um “outro”, aquele que será entendido como o inimigo, exterior a esse primeiro grupo que possui uma relação. O binarismo necessariamente antagonístico será o grande motor dos eixos amigo-inimigo, pois constrói uma linha divisória que separa de modo binário e excludente a liderança populista e seu grupo (que ele busca construir enquanto “o povo”) de algum inimigo ou ameaça, real ou imaginário (CESARINO, 2018). Este é um dos principais eixos, pois irá mobilizar a narrativa por diversas vezes, reduzindo qualquer questão a esse código binário amigo-inimigo. Como foi o caso da campanha, mobilizou-se através do antipetismo e anti-esquerdismo a divisão elite-povo, a partir da qual foi atribuído à direita o lugar do povo e a todo o resto o papel de inimigo do país.

Nesse sentido, é atribuído maior valor não ao conteúdo dos enunciados mas ao emissor da mensagem, e em qual “lado” ele está. Por essa razão, em momentos de crise é comum nos depararmos com declarações que procuram evidenciar a fronteira amigo-inimigo, acusando e atribuindo a culpa de tal crise ao “outro”. É comum observarmos essa narrativa nas declarações oficiais do governo de Bolsonaro, e fato interessante é que não apenas ele possui essa posição marcada de antagonismo, mas também seus ministros. No caso das queimadas de 2019, isso ocorreu quando tanto o Presidente quanto o ministro do meio ambiente, acusaram “outros” – ONGs, instituições científicas como o INPE – de estarem por trás da *verdadeira* culpa pelo alto índice de focos de incêndio.

Figura 14 - Fronteira amigo-inimigo em *tweets* de Bolsonaro



(Fonte: Twitter Brasil)

No seguinte *tweet* de 26 de agosto de 2019, o Presidente reúne as principais características desse padrão: “Amanhã, 27/ago, às 10h, em reunião com governadores da Amazônia, *a verdade* [amigo] sobre o que os *outros* [inimigo] querem com essa rica região. Será um João 8:32<sup>26</sup> imperdível transmitido em *nossa LIVE*.” Outro padrão comum é a tentativa de sempre optar por chamar seus apoiadores a assisti-lo por meio de suas redes sociais, dispensando a mídia convencional que supostamente não mostra essa verdade. Esse padrão será abordado mais à frente, entretanto já podemos notar que ele se encontra em grande parte de suas declarações. Já no *tweet* de 21 de agosto, notamos a presença das teorias conspiratórias que fazem parte da cadeia de equivalência da fronteira amigo-inimigo: “*Tudo* [verdade] sobre a Amazônia: queimadas, ONGs, Fundo, *soberania, interesses externos*, [teorias de conspiração] etc...”.

Cesarino já havia notado o aumento desse padrão nos últimos anos com o antiglobalismo vigente, principalmente das teorias conspiratórias que giram em torno da questão ambiental:

Esse esquema foi progressivamente se estendendo ao longo do tempo, notadamente para o *antiglobalismo* como mobilização contra uma suposta “elite global” com

<sup>26</sup> Versículo João 8:32: E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará. Ao frisar a fronteira amigo-inimigo com o auxílio da passagem bíblica, busca aproximar ainda mais o “povo” a imagem do bem.

planos de dominação mundial e eliminação da soberania dos estados-nação (e, no caso em tela, também da fé cristã) (CESARINO, 2018, p. 9).

Como mencionado, o Presidente não foi o único a adotar esse posicionamento nas redes. Nos *tweets* do Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, os padrões aparecem por vezes apenas através de links, como é o caso do *tweet* de 20 de agosto. O link direciona para o jornal *Diário do Poder*, criado para divulgação de notícias sobre política, poder e dos “bastidores no Brasil”. Ao se autodenominar como porta-voz dos bastidores do país, cria-se novamente a imagem de que outros veículos noticiam apenas conteúdo pré-selecionado, ocultando as verdades por trás da política brasileira. A matéria intitulada “ONGs que perderam verbas e cargos representam contra ministro na PGR” traz a declaração de Ricardo Salles acusando “ongueiros” de estarem descontentes com o fim da “farra” de verbas e cargos. De início podemos identificar alguns dos padrões como as teorias conspiratórias e a evidente fronteira amigo-inimigo imposta entre o governo brasileiro e as ONGs.

Outro exemplo é o *tweet* de 25 de agosto, em que Salles diz: “Amazônia à Venda. *Petistas* presos aceitavam propina de madeireiras que desmatavam a floresta. É o fim do mundo! O Governo, que deveria proteger a floresta, o bem maior do país, vende-a para madeireiros mal intencionados e gananciosos.” Salles não economizou críticas e teorias conspiratórias envolvendo “petistas”, porém nenhuma de suas acusações teve comprovações ou embasamentos. Ao decorrer do desenvolvimento deste trabalho, fui atrás de recuperar os *tweets* aqui mencionados. Porém, ao realizar a mesma busca, tais *tweets* já não existiam mais, e por algum motivo esse material não está mais disponível no perfil do ministro.

Figura 15 - Fronteira amigo-inimigo e teorias conspiratórias em *tweets* do ex-Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles



(Fonte: Twitter Brasil)

O antagonismo amigo-inimigo é observado nas redes bolsonaristas há algum tempo, enquanto tática comum para lidar com as crises criadas pelo próprio governo. Como explica Cesarino (2021):

Uma palavra de ordem comum nas redes da nova direita, ela mesma tomada de empréstimo da esquerda numa das inúmeras mímeses inversas observadas (CESARINO, 2020b), expressa bem essa subsunção do conteúdo à forma característica da cismogênese (BATESON, 2008) em estágio avançado: “se a Globo [ou o PT, ou a esquerda] é contra, eu sou a favor” – não importa qual a substância do tema em questão. Outro *slogan* recorrente realiza uma dupla torção da mímesis inversa, operando também como um mecanismo de defesa: uma tática que Olavo de Carvalho atribui a Lênin de “acusar os inimigos daquilo que você faz” (CESARINO, 2021, p. 83).

O espelhamento do inimigo e inversão de acusações que abordarei mais à frente, assim como o efeito amigo-inimigo, transpõem a produção da verdade e o debate político de acordo com o *lado* da fronteira ao trazer para um nível mais irracional que dispensa o conteúdo,

voltando-se apenas para a performance do enunciado. Com isso, parece até simples a tática de inversão de narrativa como forma de espelhar para o inimigo aquilo de que o acusam. Mas com isso, é possível tornar a discussão tão irrelevante que nenhum responsável é de fato fixado. É comum vermos esse padrão em discursos do Presidente e do ministro não apenas na questão das queimadas. No último ano pandêmico, tal narrativa tornou-se previsível, mas ainda assim perpetuada pelos membros do governo.

### **2.1.2 Equivalência entre liderança e povo**

O segundo efeito metalinguístico é a equivalência entre líder e povo que gira em torno, principalmente, da construção da figura de “povo” por meio de uma cadeia de equivalência e o carisma do líder. Ao produzir o discurso populista, o líder constrói sua versão de povo e ao mesmo tempo a própria imagem carismática. A autora compara essa relação da construção líder e povo ao que é visto nas redes com os influenciadores e seus seguidores, pois a busca pela audiência e o ritmo, seguem basicamente a mesma lógica da economia da atenção em ambos os casos.

Essa identidade comum é mobilizada pelo líder e seu aparato midiático. Isso porque, na vida do cidadão comum, a identidade política costuma existir na maior parte do tempo apenas como uma virtualidade, se subsumindo a outras identidades com maior ocorrência e importância na vida cotidiana como as de parentesco, comunidade, classe, gênero, religião, entre muitas outras. É no processo de construção de hegemonia que certos aspectos dessas múltiplas identidades cotidianas são mobilizados pelo líder por meio do processo que Laclau chamou de cadeia de equivalência (CESARINO, 2018, p. 12).

Como já abordado na Introdução deste trabalho, Gerbaudo (2018) argumentou como as mídias sociais se tornaram espaços populistas de representação para aqueles que antes não se identificavam com nenhum “lado”, não se sentindo representados por nenhum partido ou figura política. Além disso, o design da mídia auxiliaria ainda mais que pessoas comuns pudessem se expressar sem aparentemente nenhuma interferência, o que tenderia a criar os “filtros-bolha”. Através do mecanismo de bolhas, ideias divergentes do bom senso formariam grandes multidões online, e seria nesse momento que o líder populista se beneficiaria. Com a mobilização desses indivíduos vulneráveis é possível implementar ideias conspiratórias e a existência de inimigos ou ameaças. Como exemplos disso no caso da campanha eleitoral, Cesarino cita a mobilização de uma militância contra a “ameaça comunista” ou os “terroristas do MST”.



A construção do povo ocorre através da mobilização de uma cadeia de equivalência, que é descrita por Laclau em seus estudos sobre populismo. A cadeia de equivalência deriva das chamadas *demandas democráticas* que, quando atendidas de forma individual, cessa o problema dos grupos que as solicitaram. Por outro lado, ao serem ignoradas podem acumular, tornando-se agora exigências. Elas passam a ser chamadas então por Laclau de *demandas populares*, estabelecendo agora o lado do povo e, do outro, as instituições políticas que ignoram essas demandas. Tudo isso leva ao surgimento de um inimigo que necessita ser simbolizado em algo. O significante vazio cristaliza-se então em alguém, nesse caso, no líder populista. A cadeia de equivalências sendo composta por demandas heterogêneas chega ao ponto de se resumir a um único representante, o povo. Cesarino (2018) destaca que, no processo de extensão da cadeia para os múltiplos grupos e indivíduos que compõem a sociedade, particularidades e diferenças entre eles são excluídas em favor da mobilização de significantes comuns capazes de ligar todos ao líder.

Para que ocorra essa equivalência com o povo, o carisma do líder também é indispensável. Como o carisma parte principalmente do apelo às emoções e afetos, esse traço é visto no Presidente através das suas falas simples e linguagem comum, que o aproxima de seus eleitores.

O que a oposição vê como despreparo e truculência, longe de ser entendidas como defeitos por seus eleitores, também são entendidos nessa chave, como traços de alguém do “povo” que é igual a eles. É possível ainda que, em sua versão digital, o carisma da liderança seja cada vez mais distribuído para outras pessoas (seus filhos, aliados e eleitorado) assim como para as próprias mídias digitais que constituem a bolsoesfera (CESARINO, 2018, p. 10).

O que vimos no caso das queimadas em 2019 foi a constante aproximação das figuras do Presidente e do ex-Ministro do Meio Ambiente à imagem do povo brasileiro. Do outro ‘lado’, estariam os interesses externos e a soberania internacional sobre uma Amazônia que é *nossa*. Um caso muito noticiado na época, foi a polêmica discussão do Presidente brasileiro com o Presidente francês Emmanuel Macron em suas contas no Twitter. Após críticas de Macron à gestão ambiental das queimadas, no dia 22 de agosto, Bolsonaro respondeu: “Lamento que o Presidente Macron busque instrumentalizar uma *questão interna do Brasil* e de outros países amazônicos para ganhos *políticos pessoais*. O tom sensacionalista com que se refere à Amazônia (apelando até p/ fotos falsas) não contribui em nada para a solução do problema.” Notamos como sua fala vai ao encontro de teorias conspiratórias de “ganhos

políticos pessoais”, enfatizando que as questões ambientais do país, mais especificamente em relação à Amazônia, não seria um problema mundial e sim apenas do Brasil. Tal fala é problemática em diversos pontos pois sabe-se que a floresta Amazônica representa um terço das florestas tropicais do mundo e desempenha um papel importante na manutenção de serviços ecológicos, tanto garantindo a qualidade do solo, como na garantia de estoques de água doce e proteção da biodiversidade mundial.

A tentativa constante de Bolsonaro de separar brasileiros e seus problemas do restante do mundo só evidencia como a lógica populista de equivalência líder e povo está a todo momento sendo reafirmada, e as fronteiras impostas através desse tipo de discurso. Na sequência do *tweet*, Bolsonaro afirma: “O Governo brasileiro segue aberto ao diálogo, com base em dados objetivos e no respeito mútuo. A sugestão do Presidente francês, de que *assuntos amazônicos* sejam discutidos no G7 sem a participação dos países da região, evoca mentalidade colonialista descabida no século XXI.” Todavia, mesmo alegando estar aberto a discussões, não foi o que aconteceu na prática. Dias após sua declaração, fez ataques a Macron e sua esposa em tom jocoso, piorando ainda mais a relação do Brasil com a França. Parte do *tweet* de Bolsonaro também é mentiroso pois a sugestão de Macron era de que o G7 (composto pela Alemanha, França, Itália, Canadá, Estados Unidos, Japão e Reino Unido) incluísse na pauta a discussão das queimadas na Amazônia, não sugerindo a “exclusão” dos países amazônicos, mas sim porque na realidade a América Latina não compõe esse bloco.

Figura 16 - Resposta de Bolsonaro às críticas de Macron a gestão ambiental brasileira



(Fonte: Twitter Brasil)

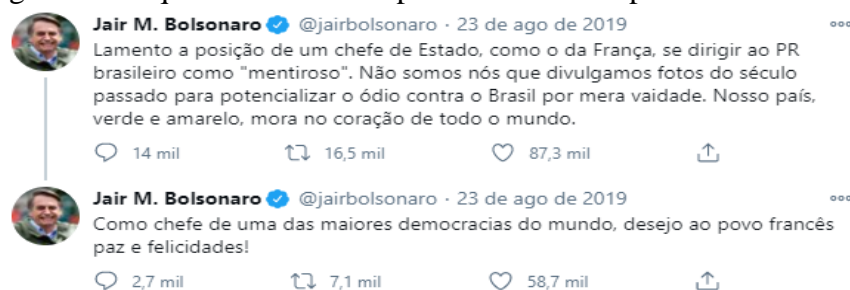
Figura 17 - Comentário de Bolsonaro a publicação de um seguidor sobre a esposa de Macron



(Fonte: Veja)

Ainda, como mostra o *tweet* abaixo de 23 de agosto, Bolsonaro volta a direcionar sua fala contra o Presidente francês após troca de insultos entre os dois. Nele, o Presidente brasileiro ressalta: “Lamento a posição de um chefe de Estado, como o da França, se dirigir ao PR brasileiro como ‘mentiroso’. *Não somos nós* que divulgamos fotos do século passado para potencializar o ódio contra o Brasil por mera vaidade. *Nosso país, verde e amarelo*, mora no coração de todo o mundo.” Nota-se como os termos “não somos nós” e “nosso país, verde e amarelo” buscam definir a ideia de um só povo brasileiro, unindo líder e povo na cadeia de equivalência. As constantes acusações contra o Presidente francês e a outros países de soberania externa ou de interesses políticos são extremamente importantes na manutenção do sistema líder-povo, pois assim potencializa o sentimento de ameaça ao grupo que se entende como povo. O que nos leva ao próximo efeito metalinguístico: mobilização permanente através de ameaça e crise.

Figura 18 - Equivalência líder e povo em *tweet* resposta de Bolsonaro



(Fonte: Twitter Brasil)

### 2.1.3 Mobilização permanente através de ameaça e crise

Esse efeito pode ser visto como uma extensão da fronteira amigo-inimigo, pois a ameaça permanente agora toma forma na figura do inimigo. Essa ameaça por vezes pode ser imaginária ou real e também é ligada às emoções. Apelando para aspectos positivos como esperança e ordem, e aos negativos como o ódio a um grupo e a vingança, os efeitos estéticos atingem e mobilizam o “povo” facilmente. É considerada uma das funções mais importantes pois quando bem sucedida, garante a liderança uma base orgânica, além de garantir a reafirmação do sistema líder-povo. Essa ameaça não necessariamente precisa ser real e vir fora da bolha populista. Pelo contrário, boa parte do conteúdo circulado nesta rede é feita pelos próprios seguidores com o intuito de unir ainda mais seus integrantes contra qualquer um que venha ameaçar sua constituição ou o líder, mas apresentado como externo aos indivíduos.

Poderíamos mesmo dizer que quanto mais frágil a relação líder-povo, mais intensa a mobilização da tática da ameaça virtual. Também aqui, operam significantes vazios que vão sendo interligados e adaptados a cada situação: alguns exemplos a ser trabalhados no que segue incluem conteúdos sobre criminalidade, corrupção generalizada, ameaça comunista, venezuelização, fraude nas urnas e nas pesquisas eleitorais, decisões judiciais parciais, planos de dominação globalista e outros (CESARINO, 2018, p. 10).

A autora aponta para várias características que identificou serem básicas nesse comportamento, como as noções de impureza de Mary Douglas e o diálogo irracional adotado para se comunicar com os adversários. Além disso, essa ameaça permanente apresenta também as noções de Mouffe (2000), de que o político é uma dimensão da ação humana (baseada mais na emoção e afeto), e a relação emocional que causa repulsa e nojo a um inimigo. Como o significativo vazio do inimigo pode adotar qualquer face para a manutenção da cadeia de equivalência, Cesarino aponta para alguns dos mais comuns vistos na campanha eleitoral de 2018 mas que perpetuam até hoje. Exemplo disso está a noção de beleza e feiura, a qual foi observada no caso da discussão com Macron e apontada anteriormente na figura 17.

Como mencionado no início desse capítulo, os padrões costumam caminhar juntos e, por vezes, fica difícil falar de cada um separadamente. É por esse motivo que, muitas vezes, os exemplos utilizados aparecerão concomitantes em dois ou mais padrões, ao buscar compreender o mesmo evento com diferentes resultados. Nesse contexto então, o efeito de ameaça e crise permanente também se dispôs a aparecer nos ataques às ONGs, instituições científicas através

dos dados disponibilizados pelo INPE referente ao aumento das queimadas repentinamente e a cristalização desse embate na figura do ex-Presidente do Instituto, Ricardo Galvão.

O monitoramento do INPE publicou dados registrados por cerca de dez satélites<sup>27</sup>, que registram o equivalente a 200 imagens por dia, realizando análises temporais e espaciais. No boletim mensal de monitoramento de agosto de 2019 foi apresentado o monitoramento de focos e condições meteorológicas, a avaliação da previsão do risco de fogo, além do monitoramento de fumaça, divulgação na mídia e a tendência para o mês seguinte. O boletim, além de expor os dados produzidos por especialistas, traz imagens coletadas pelos satélites, gráficos e tabelas de cada estado onde se registrou focos de queimadas dos biomas brasileiros. Apesar da nota não apresentar motivos de tal aumento nos números das queimadas, tanto o INPE como Galvão foram acusados de publicarem “dados que não condizem com a realidade”, o que posteriormente culminou na exoneração do então diretor do Instituto.

Em reunião com jornalistas no dia 19 de julho no Planalto, o Presidente brasileiro já havia acusado Galvão de estar agindo a serviço de uma ONG, e afirmado que diante tantas acusações de devastação “a Amazônia já teria se extinguido”. A cadeia de equivalência se completou quando o ministro Salles e o cientista Ricardo Galvão, após sua exoneração, encontraram-se para discutir sobre o meio ambiente no Painel da *GloboNews*. Depois do acontecido, ficou nítido a posição em que o ministro atribui Galvão e seu trabalho científico a um *lado*, opondo-se aos cidadãos e às chamadas pseudociência. O que pode parecer simples, é na verdade a divisão populista e oposta ganhando forma, e a ameaça iminente se concretizando através da divisão ciência vs. povo. A resposta de Galvão reafirma sua posição de “inimigo” ao argumentar sobre o importante papel da ciência em casos como esse. Todavia, sua resposta é entregue à população de forma diferente quando a mobilização permanente através de ameaça – a ciência na figura do INPE e de Galvão – é estabelecida.

No dia 20 de agosto, Salles chega a publicar um *tweet* em que desconsidera os dados do INPE e afirma – sem mencionar nenhum dado – que a causa do aumento das queimadas de 2019 deriva do clima seco, vento e calor. Entretanto, segundo o INPE<sup>28</sup> o mês de dezembro é marcado pela queda nos números de focos devido às chuvas, mas não foi o que se observou em

---

27 Os satélites utilizados possuem sensores óticos e são processadas operacionalmente na Divisão de Geração de Imagens - DGI e na Divisão de Satélites e Sistemas Ambientais - DSA. Alguns deles são os satélites polares, as AVHRR/3 dos NOAA-18 e 19, METOP-B e C, as MODIS dos NASA TERRA e AQUA e as VIIRS do NPP-Suomi e NOAA-20 e, as imagens dos satélites geoestacionários, GOES-16 e MSG-3. Mais informações são encontradas em: <http://www.inpe.br/queimadas/portal/informacoes/perguntas-frequentes>.

28 <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/01/08/focos-de-queimadas-na-amazonia-aumentam-em-2019-informa-o-inpe.ghtml>

2019, quando houve o aumento de 80% comparado ao mesmo período de 2018. O IPAM também apresentou dados que confirmam que o aumento de focos de queimadas estariam ligados ao aumento do desmatamento e não apenas resultado do período seco.<sup>29</sup>

Figura 19 - *Tweet* do ministro divulgando a conversa no Painel da Globonews e comentando os motivos que levaram ao aumento das queimadas



(Fonte: Twitter Brasil)

É comum também que a ameaça seja mobilizada pelas teorias de conspiração, e no caso das queimadas não foi diferente. Em sua conta no Twitter, o Presidente constantemente publicava teorias conspiratórias de que o *mundo* o estava acusando falsamente de destruir a Amazônia, ou como “doía na alma ver brasileiros não enxergando a *campanha fabricada* contra a nossa soberania na região”. Por outras vezes, a ameaça pode ser direcionada a vida do líder, segundo Cesarino (2018):

A ameaça frequentemente também se incorpora na denúncia de risco à vida do líder e/ou de seus aliados, por parte de algum inimigo externo ou, às vezes, interno. Em outras palavras, o líder frequentemente alega perseguição, e discursos do tipo “teoria da conspiração” são bastante acionados (a carta testamento de Getúlio Vargas talvez seja o melhor exemplo histórico deste aspecto) (CESARINO, 2018, p. 10).

<sup>29</sup> <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/08/22/municipios-com-maior-numero-de-queimadas-tiveram-as-maiores-taxas-de-desmatamento-em-2019-diz-ipam.ghtml>

Figura 20 - *Tweet* referente as ameaças mundiais direcionadas ao líder



(Fonte: Twitter Brasil)

Figura 21 - *Tweet* e vídeo da entrevista do General Villas Boas comentando a situação Amazônica



(Fonte: Twitter Brasil)

### 2.1.4 Espelhamento do inimigo e inversão de acusações

Esta sessão é, particularmente, uma das mais importantes e que me inspiraram a trabalhar com o tema das queimadas e sua repercussão na internet, assim como a escolha de utilizar a metodologia mista. Desde o início da elaboração desse tema e do processo de escrita, surgiram obstáculos descritos na introdução do trabalho, e que agora irei finalizar neste capítulo. Devido à pandemia e diversos outros fatores, o presente estudo se desenvolveu ao longo de três semestres, sendo eles cursados de forma remota. Por esse motivo, tal demora interferiu tanto na análise como na coleta de material para os dados apresentados. De toda forma, os resultados descritos passaram pela crítica de colegas e contatos que me ajudaram a desenvolvê-los de forma que o tempo e a demora não interferissem nos resultados.

Inicialmente de forma bem intuitiva e com o objetivo de delimitar o que seria trabalhado, pensou-se em buscar *hashtags* circuladas na época que pudessem evidenciar a dinâmica de interação na rede do Twitter, bem como a chamada guerra de *hashtags* protagonizada por algumas figuras. Seriam elas: #PrayForAmazon, #AmazôniaSimSallesNão, #ForaSalles, além de classificar também *hashtags* como #SomosTodosRicardoSalles, #AmazoniaSemOng e #ApoioTotalRicardoSalles. Essas *hashtags* foram escolhidas pela pesquisadora pois durante o mês de agosto de 2019 elas puderam ser vistas no *Trending Topics* do Twitter, o que poderia trazer resultados visuais em grafos.

Além disso, o efeito metalinguístico de espelhamento do inimigo e inversão de acusações contém parte da resposta a questionamentos que surgiram ao pesquisar sobre o populismo digital: a existência um padrão temporal nas postagens, e como os *tweets* de Bolsonaro e Salles respondem a eventos no mundo real e/ou a declarações dos inimigos. Gregory Bateson (1972) teoriza sobre um conceito fundamental que dialoga com os estudos de Laclau, a chamada “cismogênese simétrica”. A partir de uma relação de oposição, que consiste na reação à reação do outro, pode levar a ruptura entre as partes se, na medida que cresce, nada interfira de alguma forma.

O objetivo de analisar as *hashtags* na narrativa das queimadas está relacionado ao que Laclau chama em seus estudos de *significante vazio*. Para ele, o “inimigo” não necessariamente é um agente fixo, podendo ser não apenas mutável mas também ressignificado ao longo do tempo, como explica Cesarino (2018):

Assim como o “povo”, o “inimigo” não é um grupo que existe de modo essencialista e fixo anteriormente à sua mobilização enquanto tal pela liderança populista. É melhor

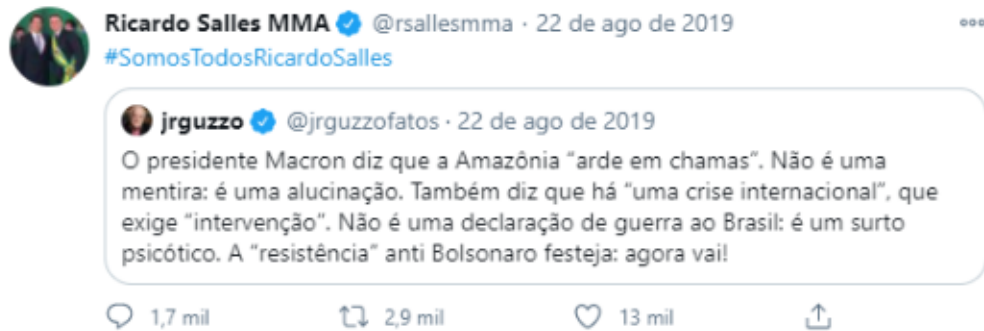


entendido nos termos de uma posição estrutural que Laclau chamou de significante vazio, cujo significado vai sendo preenchido e refeito de acordo com a particularidade do contexto antagônico que se deseja mobilizar. Aqui está uma fonte importante da eficácia do mecanismo, que se mostra extremamente flexível para bloquear ou mesmo reverter possíveis críticas ao líder (CESARINO, 2018, p. 9).

Como observado na época, tal papel foi atribuído a determinadas *hashtags* que, no decorrer do tempo, foram utilizadas como respostas a eventos específicos. Tais respostas buscaram por efeitos que levassem a uma inversão de acusações, no caso das *hashtags* mobilizadas pelo uso de *bots*. Como apontam dados extraídas pelo DFRLab, a tag #SomosTodosRicardoSalles, utilizada pelo próprio ministro em seu perfil no Twitter, aparece em resposta às declarações e *tweets* do então Presidente francês, que na época criticava a falta de medidas por parte do governo diante do agravamento das queimadas. No *tweet* em questão, Salles comenta outro *tweet* compartilhado pelo jornalista José Roberto Guzzo (@jrguzzofatos), que afirma o seguinte: “O Presidente Macron diz que a Amazônia ‘arde em chamas’. Não é uma mentira: é uma alucinação. Também diz que há ‘uma crise internacional’, que exige ‘intervenção’. Não é uma declaração de guerra ao Brasil: é um surto psicótico. A ‘resistência’ anti Bolsonaro festeja: agora vai!”. Junto da resposta ao *tweet*, Salles compartilha a *hashtag*.

Todo o argumento do *tweet* se encaixa na função metalinguística de espelhamento do inimigo, uma vez que Macron critica as medidas brasileiras de enfrentamento da crise, apontando para o alastramento do fogo e da situação crítica que a relação Brasil e França passaram a ter diante o posicionamento de ataque do Presidente Bolsonaro. A resposta não visa esclarecer o problema ou as medidas tomadas, mas aponta para uma constante ameaça ao líder, que por sua vez alega estar sendo atacado apenas por ser a oposição dos críticos. Em outras palavras, o líder frequentemente alega perseguição, e discursos do tipo “teoria da conspiração” são bastante acionados (CESARINO, 2018, p. 10). Nesse caso a *hashtag* utilizada por Salles passa a ter a função do significante vazio, em que caberá a cada indivíduo completar o significado dos significantes, estando a *tag* vazia de significado por si só. Por outro lado, a *hashtag* também remete à função de espelhamento do inimigo. Comumente são utilizadas nas redes *tags* de apoio a figuras e entidades como, por exemplo, #SomosTodosFelipeNeto, quando se busca mostrar apoio à pessoa que está sofrendo alguma perseguição ou injustiça.

Figura 22 - *Tweets* com a *hashtag* #SomosTodosRicardoSalles



(Fonte: Twitter Brasil)

O efeito de *hashtags* como significantes vazios já vinha sendo estudado por autores como Gerbaudo (2018), que apontou como as redes sociais podem articular multidões através da circulação de *hashtags*, aproximando indivíduos antes à deriva e que agora passam a adotar uma identidade coletiva em prol de um denominador comum. Nesse caso, as *hashtags* tomam o papel de agregadoras de um conteúdo que não possui exatamente um significado, ficando nas mãos de cada usuário a atribuição de significado. Com isso, à medida que circula, mais eficaz ele se torna.

As discussões nas redes sociais forneceram uma espécie de espaço de encontro onde as "multidões solitárias" produzidas pelo hiperindividualismo da sociedade neoliberal puderam se reunir, em uma espécie de reação de fusão onde os átomos das redes sociais rompidas puderam ser reforçados em uma nova identidade coletiva e senso de comunidade e solidariedade. O papel das mídias sociais em reunir as pessoas é algo que deriva das funcionalidades de agregação que estão embutidas em sua arquitetura (GERBAUDO, 2018, p. 5).

Como já mencionado, o objetivo desta sessão era, além de apresentar alguns exemplos do efeito metalinguístico de espelhamento do inimigo e inversão de acusações, apresentar um material mais quantitativo e visual de como a rede se comportou durante o período das queimadas, em agosto de 2019. Após a seleção das *hashtags*, não trabalhou-se de imediato com elas a fim de já produzir grafos. Como indicado, um período longo se estendeu até o momento que de fato busquei produzir tal material. Por essa razão, posteriormente em diálogo com colegas pesquisadoras, observou-se que após algumas adaptações no banco de dados que estaria disponível a mim, não foi possível identificar menções suficientes às *hashtags* sugeridas. Isso não significa que elas não tiveram influência na rede no período, mas que elas não seriam visualmente suficientes para a produção do conteúdo.

Foi-me então sugerido um banco de dados para a análise de controvérsias com uma série de expressões de coleta, porém de outro período. Por esse motivo e por se distanciar da ideia inicial da pesquisa, em comum acordo com a orientadora desta pesquisa, optamos seguir a pesquisa apenas com a metodologia qualitativa. Como mencionado no início da pesquisa, para que se possa compreender melhor as impossibilidade de trabalhar com a metodologia quantitativa e de apresentar os dados em forma de grafos, enumero alguns dos desafios que apareceram ao longo da pesquisa.

Enquanto coletava material de forma ativa no Twitter (para a análise dos discursos), em paralelo busquei por ferramentas de coleta automatizada de dados, os chamados *crawlers* (para a elaboração dos grafos). Entretanto, para utiliza-los é necessário que o pesquisador saiba sobre seu funcionamento, da base de dados e suas limitações. Os *crawlers* disponíveis publicamente usados para a captura de *tweets* não realizavam pesquisas em períodos muito antigos. Como realizei a pesquisa em meados de 2020, essa opção já estava descartada.

Outro fator que impossibilitou a realização da parte quantitativa pensada inicialmente relacionou-se à base de dados que tive acesso em 2020, captados por uma colega comunicadora. Tais *tweets* em sua grande maioria eram sobre as queimadas no Pantanal e, além disso, não apresentavam as *hashtags* do foco da pesquisa. Assim, a análise dos discursos se tornou o foco, e os grafos, nessa altura, serviriam apenas para demonstrar visualmente como essas narrativas se polarizavam, mas não teriam muita relevância para a conclusão do trabalho.

### **2.1.5 Produção de um canal midiático exclusivo**

Desde que foi criado em 2006, o Twitter tem como objetivo ser uma rede social em forma de *microblogging*, onde seus usuários poderiam compartilhar pequenas publicações conhecidas como *tweets*, inicialmente de até 140 caracteres, e que depois passaram para 280. Logo na *Home* da página, o indivíduo é instigado a compartilhar qualquer informação ao deparar-se com a pergunta “O que está acontecendo?” no campo da escrita, onde também é possível compartilhar links para outros sites, imagens, vídeos e artigos, além das suas próprias palavras.

Os *tweets* em tempo real aparecem no perfil do usuário, assim como são enviados aos outros perfis que optaram por segui-lo. Diferente de outras redes sociais, a conversação no Twitter se dá através do uso do “@” seguido do *user* que deseja iniciar uma conversa e responder usando o *replies*, tudo de forma pública. É possível também conversar com outros

usuários pelo *direct*, mas nessa aba as mensagens serão privadas. Entre outras funções estão: o *retweet* (ou RT, quando o usuário reposta um tweet de algum perfil), o *like* (curtida de um tweet que posteriormente aparecerá no seu perfil na aba favoritos) e o botão *compartilhar* (onde é possível copiar o link do *tweet* para outra rede social, enviá-lo pelo *direct*, ou salvá-lo). Como menciona Recuero (2016), o Twitter trouxe um novo conceito de rede social com suas infinitas possibilidades de conexões, pois:

Essas conexões vão ainda mais longe: além de formar as redes pela conversação, é possível formar uma rede de contatos na qual jamais houve qualquer tipo de interação recíproca. E essa conexão, embora não recíproca, pode dar ao ator acesso a determinados valores sociais que não estariam acessíveis de outra forma, tais como determinados tipos de informações. (RECUERO, p 83, 2016).

Como o Twitter possui suas versões de aplicativo para mobile, desktop e sua página online, tornou-se uma rede social de fácil acesso e utilização. Nos últimos anos, modificações foram feitas no seu design original, como a inclusão do recurso “Listas”, em que é possível fixar listas favoritas para fácil acesso. Outra importante função existente no Twitter é a sessão denominada *Trend Topics* ou Tópicos de tendência. Ele é composto pelos termos mais frequentes da rede com o uso ou não do “#”, e que na rede social chama-se *hashtag* (ou *tag*) quando seguida de algum termo. As *hashtags* são palavras-chave que podem ser associadas a uma discussão, e muitas vezes são usadas para localizar facilmente um assunto.

Figura 23 - Home do Twitter (perfil da pesquisadora)



(Fonte: Twitter Brasil)

Entre os usuários do Twitter, quando um perfil é considerado de interesse público, essa pessoa ou instituição pode ganhar um selo de verificação de conta. Ele basicamente atesta sua legitimidade na rede social e permite que tais usuários tenham vantagens sobre os demais. Atualmente qualquer conta pode ser verificada seguindo determinados pré-requisitos e se for solicitado pelo usuário. De acordo com o site Alexa<sup>30</sup> que identifica sites populares, em 2014 o Twitter no Brasil já era o 13º site mais acessado do país e o 7º no mundo. Em 2021 esse número passou para 18º no Brasil, de acordo com o SemRush<sup>31</sup>, uma ferramenta de análise de tráfego.

O Twitter não é uma das redes sociais mais acessadas no mundo e nem no país, como podemos ver acima. Dados apontam que em julho de 2017 havia 328 milhões de usuários no Twitter no mundo. Em contrapartida, o Instagram, em abril do mesmo ano, chegou à marca de 700 milhões de usuários no mundo (MARADEI, 2018). Em 2015, o próprio Twitter liberou uma pesquisa feita pelo Global Web Index, que mostra o perfil do brasileiro na rede social. Com maior aderência do público jovem (20-40 anos), masculino e com um percentual de 83% que usam um smartphone para acessar a internet, dentre outras informações. Como menciona Maradei (2018), no Twitter se processam interações pertinentes ao meio jornalístico, sendo um ambiente alternativo de produção de notícias e formação de opinião. Isso se deve ao grande potencial de disseminação de informação através das conexões que os usuários podem fazer. Além disso, como a rede social possibilita que o usuário anexe imagens, links e vídeos ao próprio *tweet*, nem sempre será necessário o redirecionamento para outras páginas fora do Twitter.

Um fator que torna o Twitter uma das redes sociais mais atualizadas nos últimos anos é seu feedback quase instantâneo. Isso faz parte do que Cesarino (2020) chamou de ecologia de mídias, e que vem ganhando a atenção de diversos pesquisadores desde as eleições de 2018. Estudando as mudanças desse ecossistema, observou sua presença cada vez mais na vida pública e demonstra como sua estrutura pouco pública e dialógica isola boa parte dos usuários da diversidade do mundo off-line.

Tanto na memética da campanha quanto em declarações do então candidato (por exemplo, conclamando seus seguidores a desligar a tevê e se informar apenas por meio de suas *lives*), era explícita a intenção de construir esse canal exclusivo. Essa estratégia teve como efeito a produção de uma realidade à parte cuja relação com o entorno (i.e., o resto da *web*) era mediada por uma série de *gatekeepers* digitais: sobretudo influenciadores e coletivos, mas também mediadores não-humanos como algoritmos, *bots* ou criptografia (CESARINO, 2020, p. 97).

---

<sup>30</sup> <https://www.alexa.com/topsites>

<sup>31</sup> <https://pt.semrush.com/>

É a partir dessa peculiaridade da ecologia de mídia que o populismo digital consegue ganhar vantagem, pois o líder populista cria uma cadeia de equivalência através de outras mediações. Nesse caso, o Twitter passa a ser a fonte e o canal de confiança que o *povo* tem com seu líder, dispensando mídias convencionais adotadas anteriormente que historicamente disseminam conhecimento (como jornalistas, acadêmicos e especialistas). É nesse sentido que Cesarino (2018) alerta para o perigo do controle dessas mídias pelo líder populista, pois mídias informais como a disseminação de rumores e mensagens são transmitidas de modo capilar entre as pessoas comuns, tornando assim ainda mais eficaz o mecanismo populista.

Em sua pesquisa sobre a campanha de Bolsonaro no Whatsapp, a autora explica como se criou bolhas exclusivas no aplicativo, e assim um canal exclusivo do Presidente com seus eleitores. No Twitter, essas bolhas são criadas pelo usuário ao seguir apenas as contas com as quais possui afinidade, mas também grande parte dessa influência vem dos algoritmos da rede.

Os algoritmos são códigos escritos por programadores que, à medida que interagem entre si, tornam quase impossível controlar com precisão, por não serem mais os mesmos códigos (MARKAN, 2016). Apesar de sabermos de sua existência e como funcionam - *machine learning* - os algoritmos não são abertos ao público e pouca regulação é feita por parte do Estado. Por essa razão, torna-se inevitável falar não só do grande problema que é a criação de um canal exclusivo entre líderes populistas e seu povo, mas do grande potencial de propagação de *fake news* e pós-verdade que deriva desse efeito.

Sendo assim, o próximo capítulo é de certa forma uma extensão do que vimos até aqui. Aprofundarei conceitos como o de eu-pistemologia de Van Zoonen (2012) para explicar como a produção de um canal exclusivo emerge como resposta ao momento histórico de crise de confiabilidade nas instituições que propagam conhecimento e nas mídias convencionais. Outro tema abordado no capítulo será da manutenção do divisor amigo-inimigo e como ele foi o ponto central utilizado pelo governo para não assumir a responsabilidade pelas queimadas na Amazônia em 2019.

Por fim, abordo o conceito dos elos ocultos ou conspiratórios, que, combinado com a eu-pistemologia, leva ao crescimento da crise de confiança nas formas de produção da verdade, onde o excesso de mediações torna mais comum a crença de que conteúdos são suscetíveis a manipulação. O capítulo fecha com apontamentos relacionados ao modo como as três formas epistêmicas se completam, e como a eu-pistemologia costuma ser complementada pelos elos ocultos/conspiratórios e pelo código amigo-inimigo.

### 3 PADRÕES EPISTÊMICOS

A pesquisa etnográfica em ambientes digitais se mostra altamente dinâmica e também ambígua, e isso se deve ao seu grande potencial de recursividade. Essas plataformas desintermediam os diversos contextos através dos quais o mundo off-line se encontrava organizado. Autoras como danah boyd (2011) definem essas novas formas de reorganização da vida, tanto pessoal, profissional, de lazer e política no ambiente online, como “colapso de contexto”. O termo refere-se aos diversos contextos que entram em colapso quando passam a ser mediados no mundo online. Tudo isso dificulta o trabalho de pesquisadores que buscam entender quais são os contextos das interações na sua pesquisa.

Isso faz com que nem sempre o enquadre contextual de uma interação online esteja imediatamente claro para a pesquisadora: se tal situação é privada ou pública, se tal prática ou discurso é de ordem política, moral, religiosa, mercadológica, de entretenimento; se o agente que ela observa é humano ou automatizado, se um enunciado é de ordem individual ou coletiva, original ou cópia (CESARINO, WALZ E BALISTIERI, no prelo).

Por outro lado, etnógrafos que atuam na paisagem digital precisam abordar essas infraestruturas de forma reflexiva e crítica. O termo “apercepção sociológica” que indica o processo de desnaturalização da ideologia individualista ocidental, e que passa a ver os indivíduos em termos de suas relações sociais, inicialmente pensado por Louis Dumont (1997), pode ser usado aqui como inspiração para uma “apercepção cibernética”. Ela então ficaria encarregada de uma consciência sobre os processos técnicos que produzem os sujeitos, além de suas paisagens online (RAMOS, 2015; CHUN, 2016).

Assim, os etnógrafos digitais atuais precisam viajar por mundos fragmentados parcialmente conectados para poderem desenvolver suas pesquisas (STRATHERN, 2005). É nesse sentido que o conceito de eu-pistemologia (VAN ZOONEN, 2012) torna-se relevante, pois esses diferentes mundos são integrados através dos processos cognitivos de cada indivíduo. Com este capítulo, tenho por objetivo observar os padrões propriamente epistêmicos que se destacaram no caso das queimadas na Amazônia, mas que reverberam até hoje em diversos momentos do governo brasileiro, e que podem ser explicados através da eu-pistemologia. Além disso, retomo a discussão sobre o divisor amigo vs. inimigo e as teorias conspiratórias, além de vermos como esses três padrões interagem entre si.

### 3.1 EU-PISTEMOLOGIA

Partindo de apontamentos de autores como Cesarino (2019) sobre o sujeito influenciável, notamos as reflexões entre as mídias digitais e neoliberalismo, atuando como ferramenta de ensino para usuários em diversos níveis. Exemplo disso é o chamado empreendedorismo, ou seja, atribuir aos indivíduos o papel de donos dos seus próprios negócios e detentores do próprio sucesso. Pela perspectiva cibernética, é a partir da influência tão presente nessas plataformas que a mobilização populista pode também encontrar sua eficácia. Isso porque mediações como os algoritmos desenham experiências específicas de acordo com as afinidades do usuário. Em razão do ambiente online ser ambivalente - onde a verdade e o *fake* se mesclam sem grandes distinções – os usuários passam a adotar uma postura apática, onde desconhecem que estão sendo influenciados. Com isso, não conseguem se proteger, e nem reconhecem a natureza do perigo.

Isso ocorre devido à chamada crise do sistema de peritos, ou seja, a crise de confiabilidade em instituições científicas e até nos veículos jornalísticos que propagam notícias e os especialistas. Para a autora, essa crise leva à inflação desmedida da soberania popular, na qual os líderes populistas se apoiam. Como menciona Kuhn, o conhecimento científico é baseado num certo tipo de organização, fundamentada em grupos da comunidade científica.

Esses e outros processos convergem para a produção da confiança que é a base do conhecimento e da prática científicos – e é justamente a perda da confiança na capacidade do paradigma de orientar de modo eficaz a ciência normal, diante da proliferação de anomalias, que provoca a crise que antecede os processos revolucionários de troca de paradigma (*paradigm shifts*) (CESARINO, 2021, p. 76).

Ao passo que essas instituições de conhecimento tradicionais estão passando por um momento de crise de confiabilidade por parte da sociedade, abre-se espaço para que outras formas de verificabilidade dos fatos venham a emergir. Um exemplo recente dos resultados da crise de peritos pode ser observado nas discussões referentes à eficácia da vacina da covid-19, principalmente no Brasil. Tal fato ocorreu após o governador de São Paulo, João Dória, anunciar que o estado distribuiria o imunizante CoronaVac, desenvolvido pelo Instituto Butantan em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac. O Presidente do Brasil fez várias críticas aos acordos que envolviam o Instituto, assim como chegou a ironizar a eficácia dessa



vacina. O ponto mais alto dessa narrativa foi em outubro de 2020, quando o Ministro da Saúde - na época, Eduardo Pazuello - anunciou o fechamento de um acordo para a compra de 46 milhões de doses da CoronaVac. Um dia depois, o Presidente desautorizou tal compra por meio de suas redes sociais, além de chamar o imunizante de “vacina chinesa do Dória”.<sup>32</sup>

As divergências de Bolsonaro em relação às vacinas e sua eficácia costumavam girar em torno da sua origem. Por diversas vezes o Presidente recusou a compra de vacinas por elas serem de origem chinesa, insinuando que o país seria o grande responsável pela pandemia de covid-19 e, por isso, teria muito descrédito. A insistência de Bolsonaro em atribuir culpa e uma certa ineficácia das vacinas oriundas da China nunca tiveram nenhum embasamento teórico ou científico, mas sempre flertaram com as teorias conspiratórias. Os ataques a instituições como o Instituto Butantan, a oposição – nesse caso o governador João Dória – e a especialistas da saúde que negavam o uso do tratamento precoce (defendido desde o início da pandemia pelo Presidente, mas que não possui comprovações científicas), são exemplos claros da criação de cortinas de fumaça, que mais atrapalham e confundem os cidadãos do que informam, na hora que se buscava informações sobre a pandemia.

Esse descrédito atribuído por Bolsonaro às instituições e à vacina foram comuns durante o período pandêmico, mas não foram os únicos. Como vimos, Bolsonaro também colocou em cheque a veracidade de dados divulgados pelo INPE referentes às queimadas em 2019. Não é de hoje que o aquecimento global também é colocado em dúvida por diversas figuras, principalmente os populistas. Mas isso só ocorre pois há uma grande taxa de eficácia ao se seguir por esse caminho. Essas razões podem ser encontradas no estudo de Van Zoonen (2012) e o que a autora discute em seu artigo “I-Pistemology: Changing truth claims in popular and political culture”.

A grande pergunta que perpassa o artigo é justamente o que leva as pessoas – em situações de alta insegurança epistemológica – a confiar em algo ou alguém, quando não se sabe o que é verdade. Apontando para duas respostas, uma delas é o que já discutimos aqui: atribuir a culpa a algo ou alguém. Elas então ganham forma através das teorias de conspiração que oferecem a ilusão do conhecimento, onde tudo tem uma resposta que justifique o mundo caótico. A outra via é a voltar para si mesmos como fonte de informação, sendo as mídias sociais o lugar que o indivíduo encontra para se expressar de forma livre.

---

<sup>32</sup><https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/10/21/bolsonaro-desautoriza-pazuello-e-suspende-compra-da-vacina-coronovac.ghtml>

O surgimento do self como fonte e árbitro de toda a verdade é o que a autora define como sendo a eu-pistemologia (*I-pistemology*). Trata-se de encontrar a verdade dentro de um eu, que por meio de experiências e sentimentos individuais se torna a origem de toda a verdade.

Vários pesquisadores de público descobriram que, ao ter que escolher entre o conhecimento mediado e o pessoal, o público em geral dá mais peso às suas próprias experiências, ou às de seus parentes próximos, do que às que lhes são apresentadas pela mídia (VAN ZONEN, 2012, p. 61).

Van Zoonen baseia seu argumento em autores como Graber (1988), para falar sobre a relevância das perspectivas pessoais para dar sentido ao ambiente. Recuperando a pesquisa etnográfica de Gamson (1922) sobre consumidores de notícias, a autora relembra como já está intrinsecamente imposto que as pessoas dão sentido aos eventos no mundo ao seu redor através das experiências individuais e da sabedoria popular. Outro argumento utilizado por ela é o de Livingstone, quando este enfatiza que a mídia está sempre oferecendo conhecimento de forma generalizada e que, por isso, as pessoas podem lhe atribuir significado através das suas experiências pessoais. Este conhecimento passa a ser visto como mais verdadeiro que outros, justamente pela sensação de não-mediação trazida nos últimos anos pelas mídias digitais.

A autora também trabalha em seu artigo as identidades coletivas e como, a partir delas, grupos baseados em identidades pessoais como mulheres, homoafetivos, muçulmanos e outros passam a fazer reivindicações válidas para o reconhecimento de seus problemas. A eu-pistemologia, nesse caso, está em todos os espectros políticos, não sendo exclusivamente voltado para o tema deste trabalho.

Os cientistas políticos têm se preocupado com a confiança variável e a desconfiança irracional nas instituições, os psicólogos identificaram mecanismos de percepção seletiva, dissonância cognitiva e viés de confirmação que apontam para a forma como as pessoas veem e acreditam no que atende às suas necessidades pessoais e conhecimento. As afirmações da verdade que vêm da eu-epistemologia agora têm plataformas muito mais amplas e intensas do que nunca. A internet é um grande multiplicador que não só oferece fácil acesso a todos que desejam desabafar, mas também possibilita conexões mais rápidas entre essas verdades (VAN ZONEN, 2012, p. 64).

Alguns dos caminhos que as discussões sobre o tema ambiental seguiram na época baseavam-se e recorriam, em sua grande parte, às experiências dos usuários – como, por exemplo, a circulação de vídeos e fotos feitos por usuários “comuns” e moradores da região das queimadas. O que se viu nas redes foi a proliferação de um conteúdo considerado autêntico por quem os recebia, pois eram gravados e produzidos por indivíduos comuns e não jornalistas. Seu

intuito era levar ao resto do país “a verdade” não mostrada pelos veículos da mídia. Essa sensação de liberdade de ação e distribuição de conteúdo através das redes sociais – no caso, o Twitter – como fonte direta de informação, levou os materiais circulados a um nível de legitimidade difícil de ser alcançado normalmente.

Assim, a espontaneidade era vista nos conteúdos caseiros de influenciadores e apoiadores do governo através de “vídeos em primeira mão”, onde alguns mostravam áreas não incendiadas da Amazônia e de indígenas que se colocavam contra a atuação de ONGs. Havia, além disso, declarações de teor conspiracionista sobre o que ocorria e era visto “na vida real”, enfatizando a posição contrária a especialistas e dados divulgados sobre as queimadas. Como visto, esses vídeos<sup>33</sup> alcançaram graus elevados de autenticidade e legitimidade por conta da ilusão de liberdade e sensação de não mediação de outras formas tradicionais de propagação de informação, proporcionadas pelas redes.

Esse movimento foi visto em outros momentos, por possuírem as mesmas características conspiratórias, alarmistas e negacionistas, como por exemplo o terraplanismo, movimentos antivacina e críticos do aquecimento global. Para Cesarino, essas diferentes linhas conspiratórias se mesclam e se reforçam mutuamente por meio de dois incentivos: o da produção de conteúdo gerado pelo próprio usuário e os algoritmos das redes.

---

<sup>33</sup><https://twitter.com/ulsLadeia/status/1156228108539899906>

Figura 24 - *Tweets* circulados contendo vídeos feitos pelos próprios usuários que afirmam saber a "verdade" sobre as queimadas



(Fonte: Twitter Brasil)

Figura 25 - *Tweet* circulado por Bolsonaro em seu rede



(Fonte: Twitter Brasil)

Figura 26 - O mesmo *tweet* da Figura 25 replicado por seus seguidores



(Fonte: Twitter Brasil)

Alguns vídeos postados pelo Presidente também foram circulados por sua rede de apoiadores, como mostra os *prints* acima. A circularidade entre os discursos de Bolsonaro e de seus seguidores mostra o nível de eficácia que a rede social gerou, além de destacar o teor conspiratório, uma outra forma de produção da verdade (o que realmente estava acontecendo e não mostrado na mídia convencional) e o fortalecimento da relação e aproximação de líder e povo, através do canal midiático.

Uma vez que os efeitos de não mediação são produzidos pelas mídias digitais, as semelhanças entre as táticas utilizadas pelos influenciadores digitais – como mostrar seu potencial de autenticidade – e a forma de comunicação de apoiadores do governo ficam mais evidentes. Uma das consequências dessa aproximação entre duas realidade distintas pode ser o descarte de aparatos burocráticos políticos já conhecidos:

Do ponto de vista do cidadão comum, todo o aparato institucional-burocrático do sistema político-representativo passa a parecer desnecessário, supérfluo e mesmo prejudicial ao pleno exercício da soberania popular – é como se, por meio de um click, o “povo” pudesse fazer valer diretamente sua vontade exercendo comando sobre o presidente (CESARINO, 2021, p. 90).

Além disso, um dos requisitos para que essa tática seja executada com sucesso é justamente a propagação de notícias vindas “direto da fonte”. Quando o líder passa a se posicionar e basear suas tomadas de decisão em sentidos individuais, como visto nos vídeos circulados (Figura 24), a confiança de seus apoiadores passa a crescer na medida em que encontram apenas no líder o papel de mediador da verdade (“a palavra do presidente”).

Isso nos leva ao próximo ponto deste capítulo, o divisor Amigo vs. Inimigo, que surge a partir dos mecanismos de confiança absoluta ao líder. A verdade aqui é colocada sempre do lado do amigo nessa fronteira, pois se parte do pressuposto de que toda e qualquer crítica desfavorável ao governo é uma tentativa de destruí-lo. Eles também se mesclam muitas vezes com o terceiro ponto do capítulo, onde me aprofundo na discussão sobre teorias da conspiração que perpassam significativamente o evento das queimadas na Amazônia.

### 3.2 DIVISOR AMIGO VS. INIMIGO

Como visto na seção 2.1.1, o antagonismo amigo-inimigo é um dos principais efeitos performativos que mobilizam e constituem o populismo digital. Também vimos que o código binário reduz pautas complexas e leva à concretude de um sistema líder-povo isolado e resistente envolto por uma atmosfera ameaçadora. Laclau pontua, através da cadeia de equivalência, como um sistema pode ser resumido a significantes vazios das duas modalidades: o positivo e o negativo. Nesse sentido, o significante vazio negativo do divisor amigo-inimigo dará ênfase em eventos específicos e situações feitas por esse “inimigo”. Articulado através do populismo, um forte estereótipo é criado para que a atenção se volte para generalizações e falas polêmicas que serão utilizadas para ampla divulgação nas redes.

Aqui como nos sistemas com fechamento operacional de que fala Luhmann, elementos externos ao sistema líder-povo (por exemplo, fatos noticiados pela imprensa ou análises complexas feitas pela academia) só são interiorizados enquanto informação significativa mediante sua redução aos termos dos códigos que constituem a fronteira entre o sistema e seu entorno (CESARINO, 2018, p. 14).

Ou seja, essa divisão binária amigo-inimigo passa a não reconhecer ambiguidades ou diferentes posições, e, com as mídias digitais, permite-se que o contexto da pós-verdade intensifique esse mecanismo. O que vimos no caso das queimadas extrapolou o ambiente digital, pois declarações com teor conspiratório e de pós-verdade foram observadas em diversas coletivas de imprensa do governo. No dia 1 de agosto de 2019, em meio ao alvoroço que se

gerou após a divulgação dos dados sobre o aumento do desmatamento da Floresta Amazônica, o Presidente, ao lado do então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, afirmou: "A fama do Brasil e a minha é péssima lá fora ainda, tendo em vista os *rótulos* que foram colocados em mim. E esses rótulos têm que ser, aos poucos, combatidos na forma da *verdade*. Esses números que foram apresentados agora, uma completa irresponsabilidade. Até eu costumo dizer que *se esses números todos fossem verdadeiros*, a Amazônia já teria sido desmatada três vezes ao longo dos últimos 20 anos".

Além de passar a acusar funcionários do INPE de tentarem prejudicar a imagem do país e a dele como Presidente, toda a narrativa visa estabelecer o lugar do inimigo na fronteira antagonística, assim como reforçar que o papel dessas figuras contrárias a ele é de apenas articular inverdades. Nota-se que a oposição é sempre vinculada às mentiras e *fake news* que buscam constantemente “destruir o líder”. Assim, qualquer que seja o conteúdo do discurso, independentemente de ser verdadeiro ou não, sempre será visto como mentira. Como vimos, isso se deve ao fato de que o emissor da mensagem é quem determinará a veracidade ou não da informação.

Os que ocupam o lugar definido pelo líder como seu opositor, o lado do inimigo, ocupam uma posição estrutural ancorada aqui na figura do ex-diretor do INPE Ricardo Galvão, do Presidente francês Emmanuel Macron e da ativista sueca Greta Thunberg. Também aparecem enquanto ONGs, cientistas, globalismo e por vezes figuras da mídia que se posicionavam em suas redes contra a gestão brasileira, como o ator Leonardo DiCaprio e a modelo Gisele Bündchen. Esses opositores – vistos como inimigos da ordem - participam do mecanismo populista ocupando uma atmosfera determinada pelo líder, que garante sua participação e mantém ao mesmo tempo a divisão da fronteira amigo-inimigo.

O sistema líder-povo construído dependeu desde o início do inimigo para se formar e se manter enquanto tal, e as reações simétricas do inimigo às ações da liderança populista geraram um escalamento progressivo da divisão entre os dois polos que foi altamente oportuna para transformar o candidato do PSL de um deputado alegórico e inexpressivo a um novo salvador da pátria (e, às vezes, do mundo) (CESARINO, 2018, p. 15).

A era da pós-verdade vem se concretizando na medida que as mediações digitais ganham cada vez mais espaço no cotidiano dos indivíduos. Líderes populistas se utilizaram da crise de confiança nas instituições científicas e veículos midiáticos que organizavam a produção

de conhecimento para se inserir como nova fonte da verdade, baseando-se em seus próprios sentimentos e experiências pessoais como forma de validação.

Um dos resultados da pós-verdade apontado no caso das queimadas de 2019 gira em torno da forte e constante tentativa de desresponsabilização por parte do governo. Como visto na época, buscava-se diariamente por figuras aleatórias – mas não tão aleatórias assim, pois elas deveriam se encaixar na categoria de “inimigo” - para atribuir a culpa pelos altos números de focos de incêndio. A narrativa geralmente visava tirar o foco dos órgãos governamentais, como a própria responsabilidade de Salles como ministro, fragmentando a culpa para diversos outros indivíduos, por vezes o INPE, e em outros casos ONGs que atuavam no combate aos incêndios. Como essas figuras representam, na visão da direita conservadora, grupos de oposição (esquerda) e assim consequentemente inimigos da nação de Bolsonaro, tornou-se comum que acusações contra essas instituições se tornassem cotidianas e aceitáveis pela bolha bolsonarista. No Twitter, o assunto ganhava a atenção da rede, onde ambos os lados do espectro se posicionavam a favor ou contra as declarações presidenciais.

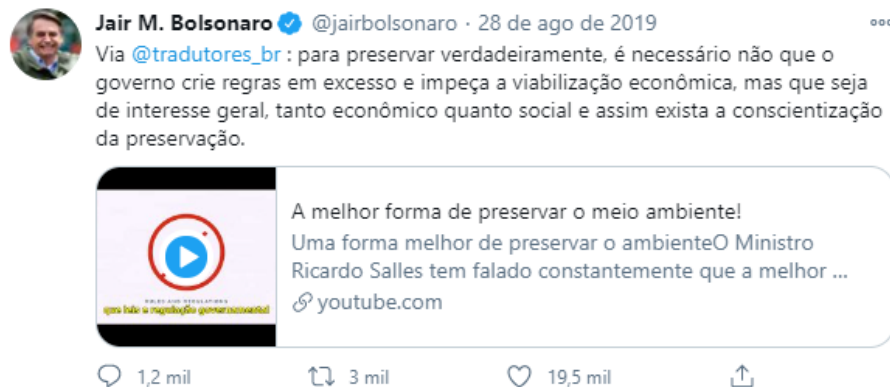
Já tem sido notado como a retórica populista e neoliberal busca mobilizar os significantes vazios negativos de inimigo para entidades como o Estado de bem-estar, imigrantes e outros (Cesarino, 2019). Essa invisibilização e deslocamento de responsabilidade faz parte das tentativas de burlar e fugir dos regulamentos atribuídos a eles. Nota-se que não foi a primeira vez que o Presidente se isentou da sua culpa e responsabilidade. Durante a pandemia da covid-19, o discurso permaneceu com o mesmo teor conspiratório e de pós-verdade. Terceiros eram responsabilizados, ao passo que o governo permanecia apático frente às milhares de mortes no país<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup><https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/04/20/cpi-da-covid-tcu-coronavirus-covid-19-governo-bolsonaro.htm>



Figura 27 - *Tweet* com elementos típicos da pós-verdade



(Fonte: Twitter Brasil)

Em seu perfil no Twitter sobre as queimadas, o Presidente insistia no discurso anti-ambientalista de que “preservar verdadeiramente não significava criar regras em excesso”. Segundo seu *tweet*, a inviabilização econômica passa a existir unicamente pela criação excessiva de normas. Sendo assim, a solução é simples: eliminar leis e regras ambientais. Estabelecida a fronteira amigo-inimigo, Bolsonaro passa a alimentá-la com acusações diárias e incabíveis, mas de maneira que possibilite que o significante vazio tome forma e significado para cada indivíduo de maneira única.

### 3.3 ELOS OCULTOS OU CONSPIRATÓRIOS

Muitas tramas com teor conspiratório já foram narradas ao longo da história e sempre estiveram presentes no cotidiano dos indivíduos. Entre alguns dos exemplos mais conhecidos estão: o controle do mundo pelos Illuminati, as falsas mortes de figuras conhecidas como Elvis Presley e Michael Jackson, a existência de vida em Marte e uma série de outras teorias. É comum ouvirmos e até nos encantarmos com muitas delas, porém existem aquelas que podem ir além da fronteira do real e impactar a sociedade de uma maneira mais efetiva. Para Barkun, a narrativa conspiratória gira em torno de “nada é por acaso” e “tudo possui conexão”. Segundo ele:

A conspiração e o segredo estão indissociavelmente associados. Ainda assim, as crenças conspiratórias permitem-nos distinguir duas formas de segredo. Uma que está associada ao grupo em si; e outra que envolve as atividades do grupo. Um grupo pode ser secreto ou conhecido por todos e suas atividades podem ser abertas ou escondidas (BARKUM, 2003, p. 4).

Por outro lado, Rafael Almeida (2018) alerta sobre algumas dificuldades ao falar sobre as teorias de conspiração. Na medida que se argumenta contra as conspirações, em algum grau elas são assumidas como evidência, ou seja, se colocar contra tornam-nas reais. É também Roy Wagner (2000) que aponta outro importante argumento acerca das conspirações. Segundo ele, a desinformação gerada por essas teorias são formadas por “verdades parciais vazadas para contar mentiras deliberadas, e mentiras deliberadas vazadas para contar verdades parciais (p. 362)”.

Ainda para Almeida, os indivíduos que constroem teorias desse tipo partem do pressuposto de que elas são fatos indiscutíveis. Por vezes, são montagens cujo estatuto precário e demandante de maiores explicações é conhecido, mas esta precariedade é suficiente para que se continue o trabalho de conectar estórias (Almeida, 2018, p. 6). Por fim, aponta para a temporalidade como um dos principais fatores para a efetividade na implementação das teorias. Almeida enfatiza que “é próprio aos que delas se servem valerem-se de remendos, extensões de seu alcance interpretativo ou da adição de novos atores na trama (p. 6)”. Autoras como Susan Harding e Kathleen Stewart (2001), ainda indicam elementos que fazem parte das teorias de conspiração como a confiança cega, além de estar sempre em busca de significados, qualquer que sejam.

Faz sentido notarmos que essa confiança cega em elementos conspiratórios se intensifica com a ascensão da eu-pistemologia, onde cresce a crise de confiança nas formas de produzir verdade, como o método científico, de instituições e comunicadores da mídia. O governo de Bolsonaro flertou com os pensamentos conspiratórios desde muito cedo durante sua campanha eleitoral, o que se alonga até os dias atuais.

Desde 2018, sua campanha vinha produzindo conteúdos com o fim explícito de deslegitimar a academia, os especialistas e o jornalismo profissional (CESARINO, 2019; CESARINO, 2020b). É comum entre seus eleitores a ideia de que acadêmicos seriam uma elite (a torre de marfim) que “não sabe separar o mundo real da universidade”, enquanto o presidente, este sim, teria acesso direto à verdade sobre o real por ser alguém do “povo” (CESARINO, 2020, p. 80).

Durante os incêndios na Amazônia em 2019 – e depois, durante de toda a pandemia de covid-19 – as falas visavam colocar em dúvida o papel de instituições como o INPE e o profissionalismo do ex-diretor do instituto, Ricardo Galvão. A narrativa se baseia principalmente nas teorias conspiratórias e no negacionismo. Ao contradizer-se por diversas

vezes, o Presidente se apoiava na desinformação para garantir que fosse atribuída a responsabilidade dos incidentes a qualquer figura potencialmente de inimigo.

Boa parte dos discursos e entrevistas da época possuíam senão um, mas vários dos efeitos conspiratórios, negacionistas e ambíguos. No dia em que foi questionado sobre a onda de incêndios na saída do Palácio da Alvorada, o Presidente afirmou: “O crime existe, e isso aí nós temos que fazer o possível para que esse crime não aumente, mas *nós tiramos dinheiro de ONGs*. Dos repasses de fora, 40% ia para ONGs. Não tem mais. Acabamos também com o repasse de dinheiro público. *De forma que esse pessoal está sentindo a falta do dinheiro*”.

Em sua fala, Bolsonaro faz questão de destacar e lembrar seus eleitores da relação de união entre líder-povo como um só: “Nós tiramos dinheiro de ONGs”. Outros efeitos a se notarem, são o da livre associação, o questionamento da autenticidade das intenções das ONGs (como por exemplo, de que estariam agindo em prol de benefícios financeiros ou qualquer outra razão escondida), e a verificação da verdade através de experiências próprias e não necessariamente por comprovações feita dos eventos: “tiram dinheiro deles, logo, devem ter sido eles”.

Em outro momento da entrevista, Bolsonaro diz: “Então, pode estar havendo, sim, pode, não estou afirmando, ação criminosa desses 'ongueiros' *para chamar a atenção contra a minha pessoa, contra o governo do Brasil*. Essa é a guerra que *nós* enfrentamos”. O grau de ambiguidade e contradição que notamos aqui se ancora na presença de teorias de conspiração ao “afirmar” – sem se comprometer – de que ONGs seriam as grandes responsáveis pelo ocorrido. Mais uma vez o que o Presidente diz enfatiza o argumento de Wagner: verdade parcial vazada para contar mentiras deliberadas.

Por fim, a narrativa continuou com o mesmo teor, porém cada vez mais evidente. “O fogo foi tocado, pareceu, em lugares estratégicos. [Tem] imagens da Amazônia toda. *Como é que pode?* Nem vocês teriam condições de todos os locais estarem tocando fogo para filmar e mandar para fora. *Pelo que tudo indica*, foi para lá o pessoal para filmar e tocaram fogo. *Esse que é o meu sentimento*”. Questionar os dados e imagens de satélites do INPE induziu os indivíduos comuns a buscarem outros modos de verificar a verdade por conta própria. Além do teor conspiratório presente em expressões como “pelo que tudo indica” e o “seu sentimento” sugerir as novas formas de aferir o que é verdade ou não.

Não surpreende, portanto, que meio milênio de desenvolvimento do método científico venha sendo descartado em favor de métodos caseiros como os do terraplanismo, acessíveis a qualquer um que queira aferir a forma da Terra por conta própria. Estes

usuários, por vezes, se veem como os “verdadeiros” cientistas que, hoje, podem fazer sua “pesquisa” sobre qualquer assunto diretamente na internet, sem necessidade das mediações de especialistas (CESARINO, 2021, p 81).

O excesso de mediações torna mais comum a crença de que tais conteúdos possam ser mais suscetíveis a manipulação, como no caso das imagens de satélites e as teorias conspiratórias do globalismo. Principalmente essas citadas, foram determinantes na repercussão do caso das queimadas em 2019. No Twitter, seguidores e apoiadores do governo circularam vídeos sobre vendas de terras por indígenas e conteúdos semelhantes aos que o Presidente compartilhava, como por exemplo, o interesse internacional pelas riquezas Amazônicas. Esse último ponto devemos lembrar que não passa de uma antiga teoria conspiratória entre os militares. Piero Leirner<sup>35</sup>, especialista em estratégia militar e pioneiro nos estudos da antropologia dos militares, pontua que historicamente militares seguem a vertente americana da teoria da guerra híbrida. Através dessa teoria, é feita a utilização de “organizações criminosas” para lançar um ataque contra o Estado.

Figura 28 - *Tweet* de seguidor bolsonarista sobre teorias conspiratórias



(Fonte: Twitter Brasil)

Como mostra o *print* do *tweet*, o conteúdo circulou por cerca de meses após as declarações presidenciais ocorridas em agosto de 2019. Isso porque houve uma

<sup>35</sup><https://apublica.org/2019/04/caminho-de-bolsonaro-ao-poder-seguiu-logica-da-guerra-diz-antropologo-que-estuda-militares/>

complementariedade entre as três formas – eu-pistemologia, elos ocultos e código amigo-inimigo – em três níveis diferentes.

Em nível individual, a eu-pistemologia se apresenta através do surgimento do self como fonte e árbitro de toda a verdade, baseado nos sentidos imediatos, afetos e intuições. Nesse nível, as pessoas passam a se ver como os reais cientistas de qualquer assunto da internet, e assim, dispensam o papel das mediações de especialistas. O que torna tão efetivo esse nível, é justamente o apelo aos sentidos pessoais de cada um e a autenticidade que ela transmite, nas redes sociais isso leva a ser visto como verdade e menos falsificável.

No nível grupal, com o código amigo-inimigo que passa a ser um modo de impor ordem à experiência *on-line*. Isso porque esse antagonismo não reconhece ambiguidades ou diferentes posições, que de certa forma, força quem está “neutro” ou apenas na rede, a escolher um lado da fronteira. Como o destaque é dado ao lado que se escolhe e não ao conteúdo da mensagem, a verdade é tão maleável como a mentira, pois definir a veracidade dos fatos só dependerá da posição em que a pessoa se encontra. Essa polarização faz com que bolhas se construam sem que seus componentes possuam necessariamente semelhanças com os demais do grupo.

E por fim, os elos ocultos no nível global em que as próprias redes passam a ser o canal midiático de menos mediação, e assim, causam o efeito de que seus conteúdos seriam menos suscetíveis a manipulação. Por exemplo, no caso das queimadas, a alegação de que as imagens de satélites teriam sido manipuladas, e as teorias conspiratórias sobre o interesse e soberania internacional da Amazônia. Nesse nível, os próprios algoritmos seriam potências invisíveis que maximizam a proliferação de conteúdos alarmistas e conspiratórios na rede pessoal de cada pessoa, alimentando a relação do líder e povo.

Os três níveis, mais do que complementares entre si, mostram que a eu-pistemologia pode chegar tanto nos usuários que possuem ligação com a figura populista, mas também atingir todos aqueles que estão no universo online. Como aponta Cesarino (2020), “embora mais acentuada na nova direita, essa reorganização epistêmica é transversal à infraestrutura digital, se insinuando de outras formas também à esquerda do espectro político” (p. 81).

## 4 CONCLUSÃO

Alguns questionamentos guiaram este trabalho até o contato com o campo de fato começar. Inicialmente pensado como um trabalho que se aprofundaria nas medidas tomadas pelo atual governo frente às crises ambientais, um dos maiores questionamentos girava em torno do mecanismo populista e a construção de uma hegemonia política baseada na pós-verdade. Assim, por meio de um mapeamento da controvérsia no Twitter sobre as queimadas na Amazônia em agosto de 2019, este trabalho se propôs a analisar os discursos em oposição, com foco nas declarações de membros do governo brasileiro, e estabelecer os mecanismos discursivos de desresponsabilização e deslegitimação da ciência.

O trabalho, que se iniciou em 2020, logo passou por um longo período de hiato. Isso porque com o início da pandemia da Covid-19, tanto em termos acadêmicos como pessoais, muitas impossibilidades surgiram até que se pudesse realizar o campo. Desde a elaboração do projeto, meu interesse era realizar uma etnografia digital, então parte do problema já estaria resolvido pois a pesquisa poderia ter sequência a qualquer momento. Com o retorno oficial das atividades acadêmicas, a pesquisa também teve andamento. Infelizmente, durante toda a escrita deste projeto, a atmosfera em que o país e o mundo se encontrava fazia com que também, a todo momento, o trabalho sofresse baixas tanto na profundidade das análises, como na possibilidade de realizar as metodologias pensadas inicialmente.

Na tentativa de analisar os discursos, tanto do Presidente como do ex-Ministro do Meio Ambiente, observei como o mecanismo populista agiu diante uma situação de crise, e como a posição adotada pelo governo seguiu padrões epistêmicos já apontados anteriormente em pesquisas sobre momentos de crise do país. Analisar um caso específico de instabilidade era a maneira mais didática de evidenciar a previsibilidade do Governo, e como o populismo digital se coloca no *off-line*.

O conteúdo circulado na rede social Twitter foi dividido e analisado através de cinco funções metalinguísticas: a fronteira antagonística amigo e inimigo, a equivalência entre liderança e povo, mobilização permanente através de ameaça e crise, o espelhamento do inimigo e inversão de acusações, e a produção de um canal midiático exclusivo. Todos esses foram identificados em algum grau no material coletado, que, por vezes, produziu mais de um efeito nas narrativas do Governo brasileiro.

O espaço pesquisado passou a ter um significado político que até hoje é formador de opiniões e extremamente polarizado por conta dos algoritmos. Indo além do objetivo de ser

apenas uma rede social de comunicação, os últimos anos serviram como base para a construção desses discursos e da proliferação de outras formas de aferir a verdade.

Em razão das impossibilidades já descritas de realizar a metodologia quantitativa, o acesso a banco de dados em plataformas digitais ainda se mostram inacessíveis ao público em geral. Assim como os algoritmos, fechados ao público e pouco regulados pelo Estado, bases de dados não são acessíveis aos pesquisadores mesmo contendo dados públicos. Essa restrição faz com que os estudos de redes se tornem possíveis apenas a uma parcela de pesquisadores, e que muitas vezes também não possuem acesso livre aos dados. Esse é um dos pontos mais delicados e até mesmo problemáticos, pois ajuda o mecanismo populista, ao passo que a criação de um canal exclusivo entre líderes populistas sem mediação ou regulamentação do Estado começa a existir.

Buscou-se refletir e identificar padrões propriamente epistêmicos no caso das queimadas da Amazônia, e os elementos discursivos de desresponsabilização e deslegitimação da ciência, que no ambiente digital se mostrou altamente dinâmico e ambíguo. As plataformas des-intermediam os diversos contextos que o mundo *off-line* organizava, através da propagação de teorias conspiratórias e da performatividade do antagonismo amigo-inimigo. A análise do caso das queimadas em agosto de 2019 teve como foco a análise discursiva, mas, se fosse possível acessar os dados das redes, poderia ter sido analisado também de forma quantitativa. Tais grafos poderiam demonstrar como a rede se comportou de forma dinâmica e apresentar outras informações para diferentes análises, como a origem dos fluxos e a legitimidade das contas.

## 5 GLOSSÁRIO

**Bots:** Na web refere-se a um software que imita ações humanas, repetidas vezes até que se gere um padrão.

**Crawlers:** ferramentas que coletam dados de modo automatizado.

**Print screen:** é uma função existente no teclado do computador. Assim que pressionada a tecla, é feita a captura em forma de imagem de tudo o que está em exibição na tela no exato momento.

**Métricas de nó:** serve para compreender a posição de cada ator na estrutura da rede (atores centrais, intermediários ...) e o grau de conexão dos atores (de entrada, saída ou geral).

**Métricas de rede:** buscam compreender a estrutura da rede como um todo (densidade, modularidade etc.).



## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARTLETT, Jamie; BIRDWELL, Jonathan; LITTLER, Mark. **New Face of Digital Populism**. Demos. Londres, UK. 2011.

BENNETT, W. L., & SEGERBERG, A. **The logic of connective action: Digital media and the personalization of contentious politics**. *Information, Communication & Society*, 15(5), 739–768. 2012

CASTRO, Fabio de; LOPES, Gabriela Russo; BRONDIZIO, Eduardo Sonnewend. **The Brazilian Amazon in Times of COVID-19: from crisis to transformation?** *Ambient. soc.*, São Paulo, v. 23, e 0123, 2020. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414753X2020000100910&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414753X2020000100910&lng=en&nrm=iso)>. Access on 03 May 2021. Epub July 03, 2020. <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc20200123vu202013id>.

CESARINO, Letícia. **Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil**. *Internet & Sociedade*, v. 1, n. 1. 2020

\_\_\_\_\_. **Populismo digital: roteiro inicial para um conceito, a partir de um estudo de caso da campanha eleitoral de 2018**. Manuscrito em desenvolvimento. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/38061666/Populismo\\_digital\\_roteiro\\_inicial\\_para\\_um\\_conceito\\_a\\_partir\\_de\\_um\\_estudo\\_de\\_caso\\_da\\_campanha\\_eleitoral\\_de\\_2018](https://www.academia.edu/38061666/Populismo_digital_roteiro_inicial_para_um_conceito_a_partir_de_um_estudo_de_caso_da_campanha_eleitoral_de_2018). Acesso em: 26 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. **Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética**. *Ilha – Revista de Antropologia, Florianópolis*, v. 23, n.1, p. 73-96, 2021.7

\_\_\_\_\_. **Populismo digital, neoliberalismo e pós-verdade: uma explicação cibernética**. *Anais da VII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (VII ReACT)*.

CHADWICK, A. **The hybrid media system: Politics and power**. Oxford: Oxford University Press. 2013.

FEARNSIDE, Philip M. **Desmatamento na Amazônia brasileira: História, índices e consequências**. In: Fearnside, P.M. (ed.) *Destrução e Conservação da Floresta Amazônica*, Vol. 1. Editora do INPA, Manaus, Amazonas. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/340923558\\_Desmatamento\\_na\\_Amazonia\\_brasileira\\_a\\_Historia\\_indices\\_e\\_consequencias](https://www.researchgate.net/publication/340923558_Desmatamento_na_Amazonia_brasileira_a_Historia_indices_e_consequencias). Acesso em: 26 abr. 2021

GERBAUDO, P. **Social media teams as digital vanguards: the question of leadership in the management of key Facebook and Twitter accounts of Occupy Wall Street, Indignados and UK Uncut**. *Information, Communication & Society*, v. 20, n. 2, p. 185-202, 2017. Disponível em:  
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1369118X.2016.1161817?journalCode=rics20>. Acesso em: 26 abr. 2021

\_\_\_\_\_. **Social Media and Populism: An elective affinity?** *Media Culture & Society*, 40(5), 745-753, 2018. <https://doi.org/10.1177/0163443718772192>

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2008.

HARDING, Susan; STEWART, Kathleen. **Ansiedades de Influência: Teoria da Conspiração e Cultura Terapêutica na América do Milênio**. Tradução de Bruno Reinhardt e revisão de Vânia Z. Cardoso. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 214-239, setembro de 2021.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre** / Naomi Klein; tradução Vania Cury. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KUHN, T. S. **The Structure of Scientific Revolutions**. 2 ed., enlarged. Chicago and London: University of Chicago Press 1970.

LACLAU, Ernesto (2013 [2005]), **A Razão Populista**, Três Estrelas, São Paulo.

LEINER, Piero e DOMENICI, Thiago 2019 “**Caminho de Bolsonaro ao poder seguiu ‘lógica da guerra’, diz antropólogo que estuda militares**”. *Pública*, 11 abr. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/caminho-de-bolsonaro-ao-poderseguiu-logica-da-guerra-diz-antropologo-que-estuda-militares/>

LEITÃO, D. K., & GOMES, L. G. (2018). **Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões**. *Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia*, 1(42). Disponível em: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2017.1i42.a41884>. Acesso em: 26 abr. 2021

LURY, Celia; DAY, Sophie. **Algorithmic personalization as a mode of individuation**. *Theory, Culture & Society*, 2019.

MARADEI, Anelisa. **Twitter como esfera pública em momentos de protesto: estudo da comunicação pela rede social nos movimentos de 2013, 2015 e 2016 no Brasil** / Anelisa Maradei. 2018.

MARKHAN, A. **Ethnography in the Digital Internet Era: From fields to flows, descriptions to interventions**. Sage Handbook of Qualitative Research, (ed.) by Norm Denzin & Yvonne Lincoln, 2016

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais : linguagens, ambientes, redes** / Luís Mauro Sá Martino. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2014

MILLER, Daniel; A. HORST, Heather. **O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital**. Parágrafo, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 91-112, ago. 2015. ISSN 2317-4919. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/334/352>. Acesso em: 26 abr. 2021

MOUFFE, Chantal. **The Democratic Paradox**. Londres. 2000.

MOUTINHO, P.; Alencar, A.; Arruda, V.; Castro, I.; e Artaxo, P. Nota técnica n° 3: **Amazônia em Chamas - desmatamento e fogo em tempos de covid-19**. Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia. Brasília, 2020. Disponível em: <https://ipam.org.br/bibliotecas/amazonia-em-chamas-4-desmatamento-e-fogo-em-tempos-de-covid-19-na-amazonia/>.

RECUERO, Raquel. Estudando discursos em mídia social: uma proposta metodológica. In: **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais** / organizado por Tarcízio Silva, Jaqueline Buckstegge, Pedro Rogedo. - Brasília: IBPAD, p. 13-30, 2018.

\_\_\_\_\_. **Introdução à análise de redes sociais online**. Salvador: Edufba, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24759>. Acesso em: 26 abr. 2021.

RECUERO, R., & Zago, G. (2016). **Em busca das “redes que importam”:** redes sociais e capital social no Twitter. *Líbero*, (24), 81-94. Acesso em: 13 Set. 2021.

VAN ZOONEN, Liesbet. **I-Pistemology: Changing truth claims in popular and political culture**. *European Journal of Communication*, v. 27, n. 1, p. 56-67, 2012.